

CIBEC/INEP



B0005627



# Prêmio Grandes Educadores Brasileiros

## Monografia Premiada 1990

**INEP**

011.31 (81) :92

P

NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

**Presidente em Exercício  
da República Federativa do Brasil**  
*Itamar Franco*

**Ministro da Educação**  
*Murílio de Avellar Hingel*

**Secretário-Executivo do MEC**  
*Rubens Leite Vianello*

**Prêmio  
Grandes Educadores  
Brasileiros**

Monografia Premiada  
1990

**Série Grandes Educadores, 6**

ISSN 0103-8923

- v.1 - Manuel Luís Azevedo D'Araújo, educador da ilustração Anísio Teixeira, democrata da educação
- v.2 - Fernando de Azevedo: a educação como desafio  
A Renovação da Escola Pública: idéias e práticas educativas de Firmino Costa
- v.3 - José Veríssimo e a Educação Nacional  
Fernando de Azevedo: educação e mudança social
- v.4 - Francisco Rangel Pestana: o educador esquecido
- v.5 - Monteiro Labato, um escritor brasileiro Heitor Villa-Lobos. o educador

Medeiros. José Adailson de.

Ulisses Pernambucano: um mestre adiante de seu tempo/Adailson Medeiros. - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Prêmio Grandes Educadores Brasileiros. 1992

112p. il (Série grandes educadores; 6)  
Acima do título: Monografia premiada 1990.

Inclui bibliografia

1. Pernambucano, Ulisses - biografia, I. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. II. Prêmio Grandes Educadores Brasileiros.

CDU 92

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS  
PRÊMIO GRANDES EDUCADORES BRASILEIROS

Monografia Premiada 1990

ULISSES PERNAMBUCANO UM  
MESTRE ADIANTE DE SEU TEMPO

Adailson Medeiros

Brasili  
a  
1992

INSTITUTO **NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS**

**Diretor**

Divonzir Arthur Gusso

**Pedagogium-** Museu da Educação

Elisabeth Ramos Barros

**Prêmio Grandes Educadores Brasileiros**

**Projeto e Organização**

Letícia Maria Santos de Faria

**Comissão Julgadora**

Letícia Maria Santos de Faria

Isaura Belloni

Fernando Corrêa Dias

Maria Rosa Magalhães de Abreu

Luis Rossi

**Secretaria-Executiva**

Luzitano Garcia Cruz Filho

**Gerência do Programa Editorial**

Arsênio Canísio Becker

**Subgerência de Disseminação e Circulação**

Sueli Macedo Silveira

**Revisão**

Arsênio Canísio Becker

Gislene Caixeta

Maria Ângela Torres Costa e Silva

Tânia Maria Castro

**Capa**

Ana Maria Boaventura

IMPRESSO NO BRASIL

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Campus da UnB - Acesso Sul

70910-900-Brasília-DF

Caixa Postal 04662

**Fone:** (061) 347-6980

**Fax:** (061) 273-3233

# Sumário

|                                         |          |
|-----------------------------------------|----------|
| <b>Prefácio .....</b>                   | <b>7</b> |
| <b>O Autor: Dados Biográficos .....</b> | <b>9</b> |

## **Monografia Premiada**

### **Ulisses Pernambucano: Um Mestre Adiante De Seu Tempo**

|                                        |            |
|----------------------------------------|------------|
| Introdução .....                       | 15         |
| Formação básica.....                   | 17         |
| O despertar da vocação docente.....    | 22         |
| Diretor da Escola Normal Oficial ..... | 29         |
| A escola para excepcionais .....       | 38         |
| O Instituto de Psicologia .....        | 42         |
| Diretor do Ginásio Pernambucano .....  | 48         |
| A Escola Psiquiátrica do Recife .....  | 53         |
| O ocaso do Mestre.....                 | 72         |
| Produção científica.....               | 79         |
| Considerações finais .....             | 99         |
| Bibliografia .....                     | <b>101</b> |

## Prefacio

**O Prêmio Grandes Educadores Brasileiros**, versão 1990, contemplou a monografia **Ulisses Pernambucano: Um Mestre Adiante de seu Tempo**, da autoria de José Adailson de Medeiros, de Recife, PE, com o pseudônimo de J. Soriedem.

A monografia tem como figura central de estudo o doutor Ulisses Pernambucano de Mello Sobrinho, psiquiatra famoso natural do estado de Pernambuco, conhecido autor da dissertação **Sobre Algumas Manifestações Nervosas da Heredo-Sífilis**, publicada no Rio de Janeiro em 1912.

Para definir a monografia em torno da natureza exigida pelo regulamento, o autor dirigiu sua pesquisa para o lado educacional do renomado médico. Num capítulo à parte mostra a vocação docente de Ulisses Pernambucano, primeiro no Ginásio Pernambucano, depois na Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco, na qual concorre com a dissertação **Classificação das Crianças Anormais: A Parada do Desenvolvimento Intelectual e suas Formas; a Instabilidade e a Astenia Mental** (Recife, 1918). Em 1923, Ulisses assume a direção da Escola Normal, nomeado por ato do governador Sérgio Loreto, à frente da qual ficou até o ano de 1927. Dois problemas importantes teve de enfrentar: a superlotação em salas de aula e o exame de seleção para admissão à Escola Normal. O Serviço de Merenda Escolar foi criado e implementado em sua gestão, assim como o Serviço das Visitadoras.

Na linha da iniciativa privada, Ulisses Pernambucano comanda a criação de uma escola para excepcionais em 1934. O desdobramento desta iniciativa no ensino público foi implementado em 1941.

No desenvolvimento estrutural da pesquisa de José Adailson de Medeiros, Ulisses Pernambucano solicita ao de-

putado Armando Gayoso que apresente à Câmara Estadual o projeto de criação do Instituto de Psicologia de que, mais tarde, seria diretor.

Assume em 1929 a função de diretor do Ginásio Pernambucano, onde antes fora professor. Pouco depois é nomeado diretor do Hospital de Alienados da Tamarineira, rees-truturando todo o Serviço de Assistência a Psicopatas do Estado. Esse trabalho consubstanciou a criação da Escola Psiquiátrica do Recife.

No contexto de uma profunda reforma empreendida na assistência aos doentes mentais do Estado, cria, em 1931, os **Archivos da Assistência a Psychopathas de Pernambuco**. Em 1933 edita o **Boletim de Higiene Mental**. Em 1938 inicia, como diretor, a publicação de **Neurobiologia**, órgão oficial da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro.

Ulisses Pernambucano foi notável defensor de minorias e de desassistidos. Sua luta sempre foi acompanhada de perto por seu primo e amigo Gilberto Freyre.

O trabalho monográfico ora publicado mostra ainda, pela pena de José Adailson de Medeiros, como capítulos finais, o ocaso e a produção científica do médico e mestre Ulisses Pernambucano, acompanhados de uma bibliografia geral e específica que atinge dez páginas.

Ao promover esta publicação, o INEP, através do **Pedagogium** - Museu da Educação, está atendendo a três postulados: em primeiro lugar, fazendo justiça ao trabalho do pesquisador e ganhador do concurso - José Adailson de Medeiros; em segundo, divulgando e disseminando o conhecimento de um ilustre educador brasileiro, colaborando na difusão do nome e da obra de Ulisses Pernambucano para o Brasil inteiro e, em terceiro lugar, o INEP, financiando o Prêmio e a pesquisa, apoia e glorifica o ato de pesquisa em si, ponto fundamental da busca de novos conhecimentos. Juntando estes três motivos, acreditamos incentivar também novas vocações que podem ser as dos próximos concorrentes ao **Prêmio Grandes Educadores Brasileiros**.

João Ferreira \*

Diretor do INEP de junho de 1990 a novembro de 1991.

## O Autor: Dados Biográficos

ADAILSON MEDEIROS é natural de Currais Novos, RN, onde fez seus estudos básicos. Coursou o secundário em Natal, radicando-se no Recife em 1964. É graduado em Filosofia (1968) e Psicologia (1973) pela Universidade Católica de Pernambuco. A nível de pós-graduação tem o Curso de Especialização em Psicologia (1975) e o Mestrado em Psicologia Cognitiva (1982), ambos pela Universidade Federal de Pernambuco. Sua tese de mestrado foi a proposta de construção de um instrumento de diagnóstico precoce da lateralidade manual.

Ultimamente seu interesse de investigação tem sido a pesquisa histórica da contribuição pernambucana à Psicopedagogia brasileira, na qual se insere a presente monografia. Nesta linha, tem publicado ainda outros trabalhos, apresentando-os em congressos no País e exterior, sendo o mais recente **A Contribuição Pioneira do Instituto de Psicologia do Recife**, exposto no XXIII Congresso Interamericano de Psicologia, em São José, Costa Rica (1991). Já publicou os seguintes livros: **O Educador do Deficiente da Audiocomunicação em Pernambuco Egresso da FACHO** (1984, em co-autoria); **FACHO Patrimônio Cultural de Olinda; Olinda Patrimônio Cultural da Humanidade** (1983, em co-autoria); **Antônio Quintino Filho: História de uma Vida** (1991).

Na área do ensino, é professor assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor titular do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO).

Monografia Premiada

**Ulisses Pernambucano:**  
Um Mestre Adiante de seu Tempo

Adailson Medeiros



Ulisses Pernambucano de Mello Sobrinho  
(1892-1943)

## Introdução

"Ulisses.

Do latim *Ulysses* ou *Ulysses* derivado do grego *Odysseús*, o que faz o caminho', referência à longa viagem de regresso do herói mitológico da **Odisséia**, de Homero." (Obata, 1986, p. 188, aspas nossas)

O objetivo do presente trabalho é resgatar, documentar e divulgar a vida e a obra de Ulisses Pernambucano. Com efeito, a notável contribuição do professor Ulisses é precariamente conhecida em seu próprio Estado e quase nula no resto do País.

O estudo de sua vida e de sua obra, quando visualizado em conjunto, mostra um pioneirismo e vigor de idéias e ações admiráveis. Bem compatíveis com a etimologia de seu próprio nome: "o que faz o caminho".

E o caminho ele o fez com audácia e competência. Com brasilidade. Com pernambucanidade. Com aguda sensibilidade aos problemas de sua gente e de seu tempo. Foi universal sem jamais deixar as suas raízes, sem nunca abandonar a sua província. Como um Câmara Cascudo. Como um Gilberto Freyre.

O seu pioneirismo cedo se manifesta. Com apenas 26 anos, publica em 1918 o trabalho **Classificação de Crianças Anormais** (como na época eram denominadas), considerado pelo historiador Isaias Pessotti (1984, p. 193) como a "primeira tese brasileira no campo da deficiência mental". Nesta mesma área o seu pioneirismo continua. Apenas sete anos depois, em 1925, Ulisses consegue do governo do Estado a criação da primeira escola para crianças excepcionais do País. O interesse pelo estudo, apoio e educação da criança especial, foi, aliás, uma característica marcante de sua trajetória pedagógica e administrativa.

Médico por formação, psiquiatra por profissão, psicólogo por

opção e educador por vocação, foi no magistério que realizou a síntese de todas estas tendências complementares. Professor no ensino médio. Professor no ensino superior. De Psicologia. De Fisiologia Nervosa. De Psiquiatria. Como professor, foi mestre. Como mestre, fez escola. Extraordinário professor, "um dos maiores que o Brasil tem tido em qualquer especialidade" conforme depoimento de Gilberto Freyre (1966, p.7).

O seu pujante pioneirismo se fez sentir em todos esses campos. Na Psicologia, por exemplo. No mesmo ano da criação da Escola de Excepcionais, 1925, Ulisses fundou o Instituto de Psicologia, o primeiro organismo cientificamente autônomo a ser implementado no Brasil (Schaeffer, 1976; Rosas, 1984 e 1985). O Instituto de Psicologia teve importante papel na formação de um corpo técnico de pesquisadores, que se tornaria notável, e na produção de pesquisas científicas, que norteariam a ação Psicopedagógica tanto no ensino normal quanto especial.

Na década seguinte, tornou-se o grande animador do movimento psiquiátrico que se convencionou chamar "Escola Psiquiátrica do Recife". A nível local, seguiu a trilha nacionalmente aberta por um Juliano Moreira, um Antônio Austregésilo e um Ulisses Viana. Foi nesse contexto que implantou a modelar "Assistência a Psicopatas de Pernambuco", referência básica na história da psiquiatria brasileira. Com características não só assistencialistas, mas preventivas. Uma "quase obsessão" pela higiene mental.

Cientista escrupuloso e administrador competente, estes são outros traços encontrados em sua vida e obra. Produziu dezenas de trabalhos científicos. Fundou e dirigiu várias publicações científicas. Implementou a realização de congressos. Dirigiu com aguçada competência escolas e hospitais. Soube recrutar, incentivar e desenvolver um grupo de colaboradores de escol. Diante de problemas, enfrentava-os. Com frequência, a eles se antecipava.

Foi um mestre, na acepção plena do termo. "Um mestre adiante de seu tempo", como se verá no presente trabalho.

## Formação básica

"Lá no meu sertão, pro cabóco le  
Tem que aprende um outro A, B, C  
O jota é gi e o êle é lê  
**O s é si**  
Mas o erre tem nome de ré.  
Até o epsilon lá é picilone  
O eme é mê, o gê chama-se guê.  
Na escola é engraçado  
Ouvir-se tanto ê  
A, B, C, dê, fê, guê, lê, mê, ne, pê  
Quê, ré, tê, vê e zê." (**ABC do Sertão**, de Luiz Gonzaga  
e Zé Dantas]

Ulisses Pernambucano de Mello Sobrinho - ou simplesmente como costumava-se assinar, Ulisses Pernambucano - nasceu, no Recife, em 6 de fevereiro de 1892.

Oriundo de família relativamente bem situada, social e financeiramente, desde cedo recebeu uma boa educação. Seu pai, doutor José Antônio Gonsalves de Mello, era formado em Direito pela hoje, mais que centenária Faculdade de Direito do Recife. Sua mãe, Maria da Conceição de Mello, era aparentada do esposo. Herdou, assim, Ulisses, "Mello pelos dois lados" como registra o seu primo e amigo, sociólogo Gilberto de Mello Freyre (1945, p.292).

A origem do nome "Pernambucano" é explicada pelo mesmo Gilberto Freyre em sua genial obra **Casa Grande e Senzala**, quando esclarece: "Logo depois da Independência correu por todo o Brasil grande furor nativista (...) — alguns até bairristas - intercalaram no nome um Brasileiro, um Pernambucano, um Paraense, um Maranhão enfático, anunciando-lhes a origem brasileira ou particularizam do-lhes a regional. Tal o caso do velho José Antônio Gonsalves de Mello, que pôs num filho o nome de Cícero Brasileiro, noutro o de

Ulisses Pernambucano - nomes que se tem conservado na família, já estando na terceira ou quarta geração" (Freyre, 1970, v.2, p.487-488).

A alfabetização e parte do curso primário foram realizados em sua própria casa. Professor: o próprio pai. Já o restante do curso primário e o secundário foram efetuados no Ginásio Aires Gama, educandário particular - hoje extinto - situado à Rua do Hospício.

Cedo aflorou a sua vocação para a carreira médica. O Recife não dispunha, na época, de Faculdade de Medicina (só fundada em 1915 e iniciado o seu funcionamento efetivo cinco anos depois); o adolescente Ulisses mudou-se, então, para o Rio de Janeiro, de forma a poder viabilizar o seu sonho.

No Rio, ingressou no curso médico o qual é realizado com grande brilhantismo. Durante os últimos anos do curso (1910-1912), foi acadêmico interno do Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha.

Foi esta experiência, provavelmente, a influência mais fecunda que marcaria a sua vida profissional. E um nome foi fundamental: doutor Juliano Moreira, o fundador da Psiquiatria brasileira. O acadêmico Ulisses foi supervisionado, entre outros, pelo próprio Juliano Moreira e pôde testemunhar a verdadeira revolução empreendida no velho Hospital de Alienados: humanização das condições asilares; supressão das camisas de força e outros métodos coercitivos; introdução da praxiterapia; assistência heterofamiliar; instalação de colônias para doentes de evolução terapêutica prolongada; acentuada preocupação com o estudo e a pesquisa científica.

Com efeito, Juliano e Ulisses se identificaram pela mesma sede de estudo e ciência; pela mesma compulsão em trabalhar pelo bem-estar dos doentes; pela mesma motivação em transmitir aos mais novos seus repertórios de conhecimentos e experiências. A influência pessoal e intelectual do professor Juliano Moreira sobre o jovem Ulisses foi marcante e decisiva. Só anos mais tarde, no Recife, é que se poderia aquilatar a sua força.

O doutor Edgar Altino (1945, p.237), seu contemporâneo do internato daqueles efervescentes tempos, assim depõe:

"Cedo começara o pendor de Ulisses Pernambucano pelos fenômenos do espírito.

Pude seguir-lhe a evolução desde seus mais verdes anos, ali, naquela Escola Memorável de Juliano Moreira, de Austregésilo, de Ulisses Viana, no antigo Hospício de Alienados, da

Praia Vermelha, ao lado de Esposei, de Plínio Olinto, de Heitor Carrilho, de Mariano da Rocha, de Fonseca, dejesuino de Albuquerque e outros companheiros de internato, em que a alegria irrequieta e a agilidade mental de Ulisses nos deram ensejo de sobreviver o futuro psiquiatra e homem de ciência que haveria de ser. O contacto assíduo com alienados, para um espírito como o seu, proporcionou a Ulisses a chave do conhecimento dos homens."

E no dia 27 de dezembro de 1912, defendeu a sua "these" (como era então grafada) **Sobre Algumas Manifestações Nervosas da Heredo-Sífilis**, dentro da Cadeira de Clínica Psiquiátrica e Doenças Nervosas. Com esta tese de 132 páginas, a qual foi "Aprovada com Distinção", obteve o grau de doutor em Medicina. Tinha, então, 20 anos de idade.

O jovem médico - seguindo prática em voga - vai se instalar e clinicar, em 1913, numa cidade do interior pernambucano, distante 55 quilômetros do Recife: Vitória de Santo Antão.

Em Vitória, instalou seu consultório numa das salas da "Pharmacia Popular" - depois Farmácia Brasil - onde passa a receber seus clientes. O renomado médico e historiador João Marques de Sá (1974) que colecionou vários documentos daquela época, narra um atendimento e prescrição do jovem médico por demais curiosa. Já estabelecido em Vitória de Santo Antão, um de seus primeiros clientes foi um paciente de nome Ildefonso Correia, vulgo Pituche. Queixava-se de variados sintomas. O doutor Ulisses, pela aprendizagem e vivência no Hospital de Alienados, de imediato os interpretou como sendo de origem nervosa.

Não teve dúvidas: logo pôs em prática uma breve psicoterapia, acompanhada com a prescrição de um líquido com o pomposo rótulo de **L'eau de Source** e umas cápsulas de miolo de pão. A receita prescrevia o uso de duas gotas de cada vez; caso acontecesse tomar mais do que o indicado, deveria ir urgentemente à farmácia para ser medicado. F isso realmente aconteceu uma vez; correu à farmácia e, por ordem do doutor Ulisses, foi medicado com água destilada. E após usar três vidros do L'eau de **Source**, acompanhados das cápsulas de miolo de pão, estava o paciente recuperado...

Nesses primeiros anos de exercício profissional, o doutor Ulisses era o que se poderia chamar um médico generalista. As condições precárias do interior não comportavam especializações. É ainda o doutor Marques de Sá (1974, p. 11) quem atesta que Ulisses teve de

## FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO



Cadeira de Clinica Psychiatrica e Doenças Nervosas

### Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-syphilis

(Contribuição pessoal a seu estudo)  
Aprovada com distinção

## PROPOSIÇÕES

Três sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias medico-  
cirurgicas

RIO DE JANEIRO

1912

**Sobre Algumas Manifestações Nervosas da Heredo-Sífilis.** Tese com a qual obteve o grau de "doutor em Medicina". Com 132 páginas, Ulisses Pernambucano ao defendê-la tinha 20 anos de idade. (Foto: Eliane Velozo)

experimentar as vicissitudes do chamado médico da roça: andando muito a cavalo pelas fazendas e engenhos, fazendo partos e até extrações dentárias!

Sua aprendizagem como médico de interior se amplia. Já no ano seguinte, 1914, transferiu-se para a cidade paranaense de Lapa, distante cerca de 60 quilômetros de Curitiba. Tanto em Vitória quanto em Lapa, encaminhou-se através de recomendações paternas a amigos seus. Já se consolidando profissionalmente, casou-se em 1915 com a doutora Albertina Carneiro Leão, sua prima, de ilustre sobrenome pernambucano. Deste casamento nasceram dois filhos: José Antônio Gonsalves de Mello (nome em homenagem ao avô paterno), que se consagraria como emérito historiador e docente da Universidade Federal de Pernambuco, e Jarbas Pernambucano de Mello. Jarbas, seguindo a carreira do pai, forma-se em Medicina e, através de concurso, na cadeira de Clínica Neurológica, sucede o próprio Ulisses; por contingências da vida, vem a falecer prematuramente, interrompendo uma já brilhante carreira médica e docente.

1916. Já casado e mesmo com uma carreira profissional relativamente estabelecida no Parana, sente saudades de sua terra e de sua gente. E resolve voltar ao Recife, trazendo em sua bagagem a insubstituível experiência de médico de interior na qual conviveu com a dura realidade de populações rurais ignorantes, carentes, desassistidas e marginalizadas.

Estava completada a sua formação básica.

# O despertar da vocação docente

## Depoimento 1

"Conheci Ulisses Pernambucano quando fui aluno do Ginásio Pernambucano, em 1928.

Eu estava acostumado a aulas de mestres medíocres, mestres que repetiam compêndios, que repetiam manuais, que se repetiam todos os anos.

Veio Ulisses Pernambucano e me deu aquela impressão nova de professor. Cada aula sua, uma surpresa intelectual. Uma descoberta ou um estímulo novo para o pobre do ginásial esmagado não só pela rotina dos métodos como pela mediocridade dos mestres. Um exemplo raro de professor." (Ruy Coutinho, 1937, p.41)

## Depoimento 2

"Era uma sala de aula do Ginásio Pernambucano, época de exames de preparatórios, em luminosa manhã de novembro (...) Chegada a minha vez, ocupei o lugar que me destinaram, aguardando, estóico, a hora de começar. Na realidade, eu estava ali como uma vítima, que aguardava o instante do sacrifício. Vítima, porém, da vadiagem. Sincero com meu pai, confessei-me incapaz de enfrentar um exame daqueles, numa casa cuja tradição de critério e de austeridade não dava guarida à "fosforescência" de estudantes vadios. Ele insistiu. Fui. As matérias: Física, Química e História Natural. A banca: Costa Pinto, Pedro Celso, Ulisses Pernambucano. Ponto sorteado (três quesitos): experiência de Galvani; sais de bário; reinos da natureza. O ponto, sem dúvida, era fácil, a mi-

nha ignorância é que era imensa. Resolvi, todavia, realizar esta coisa hedionda: utilizar-me de toda a folha de papel. Escrevi, escrevi, escrevi. O quê? Nada. Do ponto, só as epígrafes. O conteúdo, nenhum. Levantei-me. A esta altura só Ulisses estava na sala vigiando os "filantes". Ele já me conhecia, pelas boas relações de amizade existentes entre as nossas famílias. Recebeu a prova. Toda escrita. Bom aluno, teria pensado. E fez um gesto de risonho assentamento. Saí. Ulisses começou a ler a prova. A cada fim de quesito, fechava o sobrelenço. Não trastejou: deu-me, logo ali, nota má. Vi-o pela porta entreaberta. Um zero, que o bedel confirmou. Mereci-o. Por isso, permaneceu na minha admiração até hoje." (Leduar de Assis Rocha, 1978, p.88-89)

#### Depoimento 3

"Meu primeiro encontro com Ulisses Pernambucano foi justamente no ensino de Fisiologia Nervosa, no ano de 1930. Suas aulas eram tão agradáveis e tão claras que a Fisiologia Glay, adotada e tão admirada naquela época, foi atirada para um canto pela maioria dos terceiristas. Os livros até nos atrapalhavam." (João Marques de Sá, 1974, p.20)

#### Depoimento 4

"Na qualidade de aluno, pude conhecer, de perto, a figura do Mestre e do Cientista que nele se associavam de modo admirável.

Seu poder de comunicabilidade, reforçado pela extraordinária força de simpatia humana, à qual uma sóbria e natural elegância no trajar dava mais realce, cativava facilmente a admiração dos alunos, que se tomavam também seus amigos. Os alunos se empolgavam por suas aulas. Não pelo tom oratório e pelo sentido arrogantemente erudito e livresco que a elas pudesse imprimir. Falava como se estivesse conversando, despreziosamente, somente utilizando citações e referências nas ocasiões oportunas.

Ulisses impressionava pelo saber. Um saber que não era repetição servil do que os livros diziam. Um saber que se caracteri-

zava pela experiência pessoal, em contato com a realidade, particularmente nordestina, especialmente pernambucana..." (Waldemar Valente, 1978, p. 103-104)

São quatro depoimentos expressivos de ex-alunos do professor Ulisses Pernambucano. Ex-alunos que alcançaram, posteriormente, notoriedade em suas áreas de especialidades profissionais.

É significativo o fato de que a quase totalidade dos depoimentos de seus antigos alunos realçam o grande fascínio que as aulas do Mestre - como eles costumam chamá-lo - despertavam.

Nesses depoimentos comumente são referidas a clareza das exposições; a atualização das informações veiculadas, mescladas das observações pessoais decorrentes de sua vivência; a curiosidade intelectual; o incitamento à investigação e à pesquisa, tudo isto numa postura de seriedade e aguçado senso de justiça.

Como professor, foi mestre. Como mestre, fez escola.

O despertar da vocação docente em Ulisses Pernambucano, mais que um momento, foi uma maturação; mais que um produto, foi um processo.

Já há algum tempo, em Psicologia, questionam-se muito as implicações do termo "vocação" (do latim "*vocatio*" = ato de chamar). Prefere-se falar em "aptidão". A aptidão é comumente descrita como a capacidade potencial para realização de um tipo específico de atividade. Esta capacidade latente poderia, ou não, converter-se em realidade efetiva. Mais: a partir dos trabalhos iniciais de Strong, da Universidade de Stanford, de tentar mensurar os interesses vocacionais, sedimentou-se a aceitação de que o padrão de interesses de uma pessoa tende a se desenvolver antes da escolha de uma profissão.

Vocação ou aptidão, o fato é que o pressuposto teórico desta configuração de padrão de interesses, no caso de Ulisses Pernambucano, parece ser verdadeiro.

Com efeito, já no seu tempo de estudante do Aires Gama e, posteriormente, no curso de Medicina, a preocupação com a aprendizagem, com a produção de conhecimentos, com a discussão e com a exposição de temas e idéias com colegas estava presente. Mais: o espírito de liderança, a participação em grêmios estudantis, a fundação de jornais acadêmicos já revelavam, desde cedo, essa propensão para o crescimento intelectual, seu e dos outros — missão docente - do jovem estudante.

Em decorrência, o despertar da vocação para o magistério foi

fruto de características pessoais potenciais e longamente maturadas. Poder-se-ia dizer que pelo seu perfil pessoal e acadêmico o ingresso na carreira docente - o tomar real o que era potencial - era mera questão de tempo e oportunidade.

E no devido tempo, ocorreu a oportunidade. Oportunidade que se transformou num deprimente episódio de injustiça e mesquinhhez.

Vamos aos fatos.

1918. Foi criada, no Recife, a cadeira de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco. De imediato foi aberto concurso para professor catedrático com o objetivo de regê-la. Ulisses vê aqui a oportunidade de concretizar a sua vocação docente. Inscreve-se em 16 de janeiro de 1918.

Concorreram cinco candidatos. Cada um deveria apresentar uma monografia sobre assuntos retirados de um programa oficial (Pernambucano, 1930). Os autores e títulos das dissertações concorrentes: Gaspar Wanderley Loyo abordou a **Gênese do Instinto**; Eládio dos Santos Ramos discorreu sobre **Base Física da Memória**; Manoel Arão de Oliveira Campos apresentou **Consciência**; Ricardo da Costa Pinto expôs sobre **Psicologia das Crianças Epiléticas** e Ulisses Pernambucano tratou do tema **Classificação das Crianças Anormais: a Parada do Desenvolvimento Intelectual e suas Formas, a Instabilidade e a Astenia Mental**.

Pela própria apresentação dos temas já se infere o pioneirismo do jovem concorrente Ulisses: o estudo de crianças excepcionais, na época, chamadas de "anormais". Os demais temas representavam domínios de conteúdo de Psicologia largamente em voga. A própria bibliografia era bem mais abundante e disponível.

As provas foram realizadas num período de dez dias: 21 a 31 de janeiro de 1918. Os dois primeiros colocados: Ulisses Pernambucano com 15 pontos (primeiro lugar) e Gaspar Loyo com 14,3 (segundo lugar).

E, por injunções políticas, o então governador do Estado nomeia o segundo colocado para o provimento da cátedra... Esta seria apenas a primeira de várias outras injustiças públicas cometidas contra o competente mestre, como se verá mais adiante.

A realização desse concurso, entretanto, ensejou a configuração de dois fatos historicamente relevantes para os domínios da Psicologia e Educação em Pernambuco.

# Classificação das crianças anormais. A parada' do desenvolvimento in- tellectual e suas formas; a ins- tabilidade e a asthenia mental.

Dissertação para o concurso de professor calbedratico da  
Psycologia e Pedagogia de Escola Normal Official do  
Estado de Pernambuco

78 — Rua

Visconde de Itaparica' — 94

**Classificação das Crianças Anormais: a Parada do Desenvolvimento Intelec-  
tual e suas Formas, a Instabilidade e a Astenia Mental.** Este estudo sobre defi-  
ciência mental (1918) é considerado o primeiro trabalho no gênero publicado no  
Brasil. (Foto: Eliane Vellozo)

O primeiro fato é que a criação de uma cadeira específica de Psicologia, acompanhada de concurso para o seu provimento, marca o início propriamente dito da Psicologia no Recife. Esta é a posição assumida pelo emérito psicólogo e historiador da Psicologia no Brasil, professor Paulo Rosas (1979).

Em conferência pronunciada em Brasília, em 26 de outubro de 1979, sob o título **A Psicologia no Recife**, em sessão comemorativa do I Centenário da Psicologia Científica, promovida pelo Conselho Federal de Psicologia, Paulo Rosas fez uma fundamentada apreciação histórica da matéria. O criterioso historiador mostrou que desde o século passado já são abordados, no Recife - sob uma perspectiva filosófica — temas de Psicologia por parte de pensadores como Tobias Barreto ou Sílvio Romero; mas ressaltou que "A rigor, não é possível falar de Psicologia no Recife antes de 1918, ano em que foi criada uma cadeira com esta denominação na Escola Normal" (Rosas, 1979, p.2).

O segundo fato historicamente relevante é a própria monografia elaborada pelo candidato Ulisses Pernambucano. A dissertação, composta de 46 páginas, tem o longo e, hoje, curioso - pela grafia da época - título de **Classificação das Crenças Anormais: a Parada do Desenvolvimento Intelectual e suas Formas, a Instabilidade e a Asthenia Mental** (1918).

Esta monografia é considerada por outro eminente e criterioso historiador, Isaías Pessotti (1984), o primeiro trabalho no gênero publicado no País. Em seu livro **Deficiência Mental: da Superstição à Ciência** - referência obrigatória para a compreensão histórica da área - reproduz, de forma fac-similar, a capa deste pioneiro trabalho (Pessotti, 1984, p. 193). A dissertação de Ulisses Pernambucano apresenta não só referências de autores europeus — predominantemente franceses - mas significativas observações pessoais, tanto do ponto de vista psicopedagógico quanto social.

Nesta dissertação - Ulisses Pernambucano, quando a elaborou tinha 26 anos incompletos -, podem ser detectadas, embrionariamente, duas preocupações que vieram a caracterizá-lo intensamente: a criança excepcional e a psiquiatria social. Tais preocupações se tornaram linhas mestras de sua ação, de sua vida, de sua obra.

Apesar da injustiça cometida nesse concurso onde ele "ganhou mas não levou", no mesmo ano - 1918 - ele inscreveu-se novamente para outro concurso de professor. Sua vocação docente foi

mais forte que um eventual sentimento de revolta. Com efeito, em 1º de agosto de 1918 (Marques de Sa, 1976), inscreve-se para o concurso de professor catedrático de Lógica, Psicologia e História da Filosofia, no hoje mais que sesquicentenário Ginásio Pernambucano.

O Ginásio Pernambucano, fundado em 1825, construiu uma história das mais expressivas no panorama educacional e cultural do Estado. Como registra Zaida Cavalcanti (1986, p.232), "já em **1894** inaugurava a sua biblioteca que, ainda hoje, pode ser considerada excelente. O mesmo se pode dizer do seu Museu de História Natural". E prossegue a pesquisadora: "Ser catedrático do Ginásio Pernambucano, assim como da Escola Normal Oficial, era título invejável que se obtinha através de rigoroso concurso público".

E foi para esta instituição que Ulisses Pernambucano se submeteu ao concurso para provimento do cargo de professor catedrático. Um de seus mais fortes concorrentes foi o Cônego José Pereira Alves e que, algum tempo depois, seria sagrado bispo, prestando indeléveis contribuições à Igreja em Pernambuco. As provas foram realizadas nos primeiros dias de abril de 1919 e, já no dia 12, eram proclamados os resultados. Primeiro lugar: Ulisses Pernambucano.

Este concurso ele "ganhou e levou". A 22 de abril de 1919, foi nomeado pelo governador do Estado professor catedrático de Lógica, Psicologia e História da Filosofia do respeitável Ginásio Pernambucano.

As portas estavam abertas para que Ulisses Pernambucano começasse a tornar real o que era potencial: sua já desperta vocação docente.

## Diretor da Escola Normal Oficial

"Qualquer bichano careta abre  
hoje sua escola e, de  
palmatória em punho nos  
alunos bate sola. E os coitados  
dos meninos por não saberem  
a lição vivem sofrendo o  
castigo desta nova inquisição.  
Pois que são inquisidores os  
mestres que por aí há que  
julgam que mais ensina quem  
mais nos alunos dá." (Poesia  
popular. Mário Sette,  
1978,p.291)

A instalação e o funcionamento das escolas normais, no Brasil, remontam à primeira metade do século passado. Em diversas províncias do País - notadamente no Rio de Janeiro, sede da Corte -foram criadas instituições de ensino médio para a formação de professores para a escola primária.

Grande parte dessas instituições mostraram-se inadequadas e tiveram vida efêmera. Em São Paulo, por exemplo, o relatório do presidente da Província, doutor Josino do Nascimento Silva, datado de 1854 (Moacir, 1939, p.89) foi jocosamente contundente: "Esta escola, de normal, só tem o nome".

A consolidação dessas instituições só ocorreu, efetivamente, na segunda metade do século passado.

É desta época, também, a introdução do ensino normal em Pernambuco. Criado pela Lei Provincial nº 598 de 13 de maio de 1864, o Art. 1º do Regulamento publicado no mesmo ano estipulava: "A Escola Normal do Recife é destinada a formar bons professo-

res de instrução primária por meio do ensino metódico e de educação superior" (Escola Normal de Recife, 1864, p.1). Para o ingresso na Escola Normal, era exigido que se soubesse ler, escrever e contar; que se tivesse idade mínima de 18 anos; que se fosse portador de boa conduta e - pasmem — que se fosse do sexo masculino! O capítulo 7 (Escola Normal de Recife, 1864, p.4 e 5) trata, especificamente, **Dos Alunos Mestres**.

Sucessivas reformas de Regulamento alteram este perfil. A Escola Normal Oficial e o Ginásio Pernambucano - que na gestão de Ulisses Pernambucano funcionavam nas mesmas instalações físicas da Rua da Aurora - representavam, na época, as mais sólidas e significativas unidades do ensino público do Estado. Entretanto, nos primeiros anos da década de 1920, a Escola atravessava anos difíceis. Esta realidade foi assim caracterizada por Valdemar Valente:

"Em 1923, o ensino normal em Pernambuco atravessava momentos difíceis. A então Escola Normal, instituto mantido pelo governo e destinado a preparar professores primários, era um amontoado de coisas anacrônicas. Em completo alheamento aos progressos e conquistas da Pedagogia moderna. Do auxílio que a Psicologia e a Biologia podiam oferecer não se aproveitava o emperrado e obsoleto aparelhamento educacional da Escola Normal (...) Tal situação contrastava com o prestígio das tradições de cultura e de inteligência de Pernambuco.<sup>1</sup> (Valente, 1959, p.9)

Ademais, nesta época, a Escola acabava de passar - no depoimento do então titular da Secretaria de justiça e da Instrução Pública, Aníbal Fernandes - por "uma fase de instabilidade administrativa, com repercussão desastrosa na eficiência do ensino" (1960, p.34). Foi nesse quadro adverso em 1923 que o professor Ulisses assumiu a direção da Escola Normal. Apenas cinco anos depois de ter sido injustamente preterido para integrar o seu corpo docente...

Ulisses tomou posse no cargo de Diretor da Escola Normal em 17 de abril de 1923, nomeado que foi por ato do governador Sérgio Loreto. O governador, que assumira o posto no ano anterior, era uma pessoa íntegra e proba - fora anteriormente juiz — e resolveu enfrentar a questão do seguimento do ensino, sobretudo na capital. Recife ainda era uma cidade provinciana com cerca de 250.000 habitantes; e os intelectuais gravitavam quase que exclusivamente em torno dos jornais da época (Cavalcanti, 1986). Bem diferente de hoje - quando pontificam, soberanos, o **Diário de Pernambuco** e o **Jor-**

**nal do Comércio** - a imprensa local representava um amplo espectro de tendências, sobretudo políticas. Além dos já referidos diários, circulavam **A Província** (o qual, posteriormente, sob a direção de Gilberto Freyre, recebeu colaboração de **Ulisses**), **Jornal do Recife**, **A Notícia**, **Diário da Manhã**, **Diário da Tarde**, **A Noite**, entre outros. A imprensa é sacudida com a instalação de um novo e revolucionário meio de comunicação: a radiodifusão. Em 1923 foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco (PRA-8), "a pioneira", como é hoje comumente veiculado em seus comerciais.

A gestão de Ulisses à frente da Escola Normal - 1923 a 1927 - foi marcante. Nela se revelaram o seu espírito criador, a preocupação com a formação de pesquisadores e produtores do conhecimento, sua capacidade de ação articulada e persistente, sua determinação de reformador, sua vocação de pedagogo.

De saída, o novo diretor encontrou um grave problema pedagógico: a superlotação das salas de aula. Waldemar Valente, posteriormente um de seus brilhantes alunos, quantificou que "cursavam o primeiro ano normal, numa só turma, 146 alunos, e o quarto **141**. Em salas que não comportariam mais de 60, e assim mesmo com risco da disciplina e da própria eficiência do ensino" (Valente, 1959, p. 10). O problema foi enfrentado e, já no ano seguinte, a lotação por sala estava limitada de forma a atender mais adequadamente ao processo de ensino-aprendizagem.

Outra ação empreendida - com desdobramentos na anteriormente referida - foi a introdução do exame de seleção para admissão à Escola Normal.

O exame de seleção é, seguramente, o modo mais justo e democrático de escolha quando se dispõe de mais candidatos que vagas ou mesmo quando se pretende, simplesmente, escolher os mais aptos. Anteriormente, o ingresso nesta escola obedecia a critérios de amizade ou apadrinhamento. Não se garantia a justa oportunidade aos melhores alunos que, mais tarde, seriam os responsáveis pela educação nos cursos primários.

As vantagens deste processo seletivo - cujo conteúdo era toda a matéria do curso primário - eram muito nítidas para o jovem diretor. Parainfando a turma de professorandas de 1924, assim se posicionou o professor Ulisses Pernambucano:

"Para constituir o núcleo de matrícula nenhum critério é mais justo e eqüitativo que o do preparo. A seleção pela matrícula dos mais aptos é inquestionavelmente melhor como medida li-

beral, e o governo a adotou. E próprio as democracias que as qualidades pessoais de inteligência, caráter e sentimentos elevam o indivíduo e dão-lhe preeminência, entre os seus concidadãos. O exame de seleção mostra às nossas jovens que os lugares, mesmo para adquirir uma profissão, conquistam-se pelo estudo e pelo saber." (Valente, 1959, p.16) Mas a busca de aprimoramento dos mecanismos seletivos para a Escola Normal não pára por aí. Dois anos mais tarde, já respaldado nas contribuições do Instituto de Psicologia (por ele criado), notadamente na área dos testes de inteligência, introduziu um dispositivo no Regulamento da Escola (Barreto, Campos, 1935) que permitia a inscrição de candidatos com idade cronológica inferior a 13 anos -idade mínima — desde que o mesmo apresentasse uma idade mental equivalente ou superior a este limite.

Observa-se o quanto Ulisses estava atualizado com referência aos avanços da ciência psicológica, mesmo sem sair da Província: a famosa Escala de Binet-Simon, encomendada pelas autoridades francesas de ensino, data de 1905. O próprio conceito de idade mental só foi introduzido por Binet em 1908, por ocasião da 1ª Revisão da Escala e o conceito de QI (Quociente Intelectual), que é a relação entre idade mental e idade cronológica, só foi elaborado em 1912 pelo alemão Stern(!).

A promoção conjunta foi outra medida adotada com o objetivo de levar o estudante a valorizar o conjunto do currículo escolar. Era seu ponto de vista que a futura mestra deveria desenvolver harmonicamente o domínio do conjunto de matérias - línguas, Matemática, Física, Canto Orfeônico, etc. - vez que na educação primária não se trataria de especializações. Ao anterior sistema de aprovações parceladas e estanques, contrapôs o sistema de promoção conjunta, mais funcional e integrado. Esta preocupação pelo desenvolvimento integral da normalista levava-o a incentivar a prática de educação física; a formação de hábitos de higiene e saúde; a pregação da abolição de castigos físicos (vide poesia popular no início do capítulo); a preocupação em sedimentar, na ciência, a prática pedagógica.

É oportuno esclarecer que essas e outras medidas passaram a constar da Regulamentação do Ensino, datada de 18 de outubro de 1923 e elaborada sob a instigação e a orientação pessoal de Ulisses. O Regulamento consubstanciou, provavelmente, a mais revolucionária reforma pedagógica até então empreendida no Estado.

Credite-se, também, a este excepcional] administrador e reformador escolar a introdução de vários outros instrumentos que objetivaram a acentuada melhoria qualitativa e organizacional do ensino normal.

A professora Anita Paes Barreto - aluna laureada daqueles tempos e sua primeira auxiliar no Instituto de Psicologia -, em depoimento prestado ao autor desta monografia, relatou a criação, por Ulisses, da "cadeira-prêmio". O objetivo era fomentar o aprimoramento intelectual dos estudantes através da sadia competição escolar, sendo agraciadas aquelas normalistas que obtivessem as melhores notas durante o curso. As professorandas premiadas tinham nomeação imediata garantida pelo Governo do Estado, podendo, inclusive, escolher o local onde deveriam lecionar.

O Serviço de Merenda Escolar, criado e implementado em sua gestão, representou mais um marco significativo na sua incessante preocupação pelo social. Sentindo vivamente o drama dos alunos carentes que, por problemas financeiros, abandonavam a escola e, quando a freqüentavam, faziam-no com visíveis prejuízos no processo de aprendizagem, implementou o Serviço de Merenda Escolar para minimizar o impacto do problema. E não o fez aleatoriamente. Fê-lo em bases científicas. Para tanto, elaborou um questionário que foi aplicado ao alunato, cujos resultados o subsidiaram para a implantação do programa. O professor Estevão Pinto (1937, p.50), que como colega docente vivenciou o processo, relatou que o inquérito se compunha de oito indagações:

- "a) Que come antes de vir para a escola?
- b) Onde mora?
- c) Vem de bonde ou a pé?
- d) Traz merenda?
- e) Em caso afirmativo, de que se compõe? Qual o envoltório? Qual o peso?
- f) Compra a merenda na escola? O que compra?
- g) Quanto traz em dinheiro para isso?
- h) Traz bombons ou compra-os?"

Os resultados obtidos indicaram um dominante estado de indigência, onde nada menos que 50% dos escolares chegavam à escola exaustos, quer pelas longas distâncias percorridas a pé, quer pela própria precariedade e deficiência da alimentação. Atualmente, a adoção quase generalizada da merenda escolar no ensino público do

Pais, sobretudo ao nível do primeiro grau, é uma eloqüente evidência da pertinência da medida...

Mas se a oferta da merenda escolar está hoje disseminada, outra medida adotada, infelizmente, é coisa rara. Trata-se da colocação dos alunos em sala de aula, obedecendo ao critério das características físicas do estudante. Na época, os critérios adotados eram a ordem alfabética — letras iniciais na frente, letras finais no fundo da classe (coitados dos Zózimos e Zulmiras) - ou a ordem de matrícula. Ulisses introduziu o critério mais justo da distribuição pelas características físicas dos alunos. Assim, os estudantes com baixa estatura, com deficiência auditiva ou problemas de visão tinham prioridade nos assentos da frente, mais próximo ao professor e ao quadro negro. Mais uma vez a sua visão social e higiênica dos problemas, sobretudo, quando incidentes sobre os menos afortunados!

A criação do Serviço das Visitadoras foi outra iniciativa de largo alcance social. Ele entendia que a formação de hábitos sadios na infância (Pernambucano, 1926) deveria resultar de uma ação integrada escola-família. Assim pensando, implementou o Serviço das Visitadoras, elo escola-família, cujas atribuições foram definidas no Regulamento do Ensino Normal. Pela importância deste Serviço, no contexto da educação higiênica e formação Psicopedagógica, vale a pena transcrever as competências atribuídas às visitadoras (Pernambucano, 1926, p. 169-170):

- "a) visitar diariamente cada uma das classes, verificando o aseo da sala e dos alunos;
- b) comunicar à diretoria e ao médico-escolar o nome e a residência dos alunos doentes ou suspeitos de doentes;
- c) visitar os alunos que faltaram mais de três dias à escola, verificando a causa das faltas e comunicando imediatamente à diretoria ou ao médico-escolar;
- d) auxiliar o médico-escolar em todos os seus trabalhos;
- e) visitar a família dos alunos que se mostrarem desleixados no traje ou nos costumes, procurando melhorar o meio familiar;
- f) conjugar os seus esforços com os da professora no sentido de serem efetuados os propósitos da diretoria de aumento de frequência e saúde dos alunos."

As visitadoras - hoje assistentes sociais - desempenharam importante papel no contexto do ensino público do Estado.

Ulisses Pernambucano implementou, ainda, diversas outras

ações com vistas a obter uma maior consistência na vida escolar dos estudantes. Consolidou e tomou obrigatório o fardamento escolar, não só como fator de asseio, ordem e disciplina, mas como uma função social, já que "...passam por dia mais de 700 crianças das mais diversas condições de meio e fortuna" (Pernambucano, 1926, p. 168). A clínica dentária, instalada após conhecidos os resultados de uma pesquisa que apontou o índice de 77% do alunato com os dentes estragados; a caixa escolar, administrada pelas próprias alunas, que era responsável pela distribuição de livros, uniforme escolar e passagens de bonde aos estudantes reconhecidamente carentes. Preocupado com a vivência prática das futuras mestras, ampliou, modernizou e consolidou o Curso de Aplicação, cuja importância é fundamental para o treino e o tirocínio da professorandas

Com efeito, a sua capacidade de renovação e organização se fazia sentir até nos mínimos detalhes. Vale a pena apresentar a sua "lista de recomendações" em que se evidencia a preocupação detalhista do administrador, do educador e do higienista:

1º - Os livros adotados nas classes devem ser os escolhidos pelas professoras do Curso e aprovados pelo professor de Teoria e Prática do Ensino;

2º - No intuito de incutir nos alunos hábitos de ordem e pontualidade, devem as professoras exigir que eles cheguem à Escola pelo menos 10 minutos antes da hora regulamentar, partindo o exemplo da professora;

3º — Todos os alunos devem se apresentar rigorosamente uniformizados, não lhes sendo permitido, sob qualquer pretexto, o uso de blusas ou saias diferentes do modelo oficial, nem o uso de jóias de qualquer espécie;

4º — O asseio do aluno (corpo, dentes, orelhas, etc.) deve ser severamente observado, cumprindo à professora, sempre que houver oportunidade, fazer uma palestra persuasiva sobre asseio corporal;

5º — A professora precisa esforçar-se por conhecer cada um dos alunos, tanto sob o ponto de vista físico como intelectual e moral; só assim a professora será realmente útil às crianças, corrigindo-lhes os defeitos e orientando-as para a conservação da saúde, o cultivo intelectual e o aperfeiçoamento moral;

6º - Convém evitar as freqüentes saídas das classes, nas formas e em aulas, em benefício da disciplina geral da escola e do próprio aluno;

7º — Nos primeiros dias de aula, a professora mostrará a necessidade de ser respeitado o material escolar, carteiras, quadros-negros, bebedouros, mapas, contadores, etc, despertando entre os alunos a convicção de que esse material representa um patrimônio comum e o sentimento do zelo pelo mesmo patrimônio;

8º - Deve a professora avisar imediatamente à visitadora qualquer suspeita de doença em alunos de sua classe, bem como notificá-la de todos os que faltaram três dias seguidos; 9º — A professora deve fiscalizar a merenda de seus alunos, para verificar se a mesma lhes é suficiente, em qualidade e quantidade;

10º - Os exercícios escritos devem ser feitos a lápis; 11º — A professora cabe fiscalizar o recreio dos alunos, guiando-os na escolha de seus brinquedos e jogos permitidos; 12º — A professora fará diretamente as lições e exercícios escolares, não permitindo que as alunas-mestras assumam a responsabilidade da docência, da qual participarão apenas como auxiliares;

13º - Recomenda-se guardar reserva sobre as notas e impressões concernentes à vocação, zelo e aproveitamento das alunas-mestras;

14º - Todos os hinos e cânticos escolares deverão ser aprovados pelo professor de música, que os ensaiará, de acordo com a professora da classe, o número de vezes que julgar necessário;

Esta diretoria, confiando no vosso esforço e dedicação, empenha-se pelo estrito cumprimento destas recomendações — Ulisses Pernambucano - Diretor." (Fernandes, 1960, p.36-37).

E pertinente registrar que as suas preocupações como diretor não se restringiam aos aspectos administrativos. Acumulou os encargos da função sem se afastar do dia-a-dia da sala de aula. Nesse tempo, além das atividades docentes no Ginásio Pernambucano, assumiu interinamente a cadeira de Psicologia, da própria Escola Normal, na qualidade de professor substituto (Barreto, 1978).

Sílvio Rabelo, emérito professor de Psicologia em Pernambuco, autor do clássico **A Psicologia da Criança** e colega de trabalho de Ulisses Pernambucano, dá um testemunho veemente sobre a sua importância para a Escola Normal e, desta, para aquele:

"Ainda as nossas escolas pareciam um pouco cadeias de meninos, quando Ulisses Pernambucano foi chamado a dirigir a Escola Normal. Vindo da escola que deveria mudar com a Grande Guerra, tendo sofrido as mesmas dores de todos os meninos de seu tempo, Ulisses Pernambucano começou a estudar os males que tanto afligiam os escolares. Os mal-ajustados, os faltosos, os indisciplinados, os atravassados mereceram a sua atenção particular. Procedeu a inquéritos sistemáticos que lhe mostraram a verdadeira situação das nossas crianças dentro do ambiente escolar. Nenhuma escola, por sua plasticidade e por sua projeção e influência sobre as demais escolas, serviria tão bem o trabalho de moldagem como a Escola Normal. Ai foi o seu campo de experimentação." (Rabelo, 1937 a, p.34).

E foi um campo fértil. Deste campo brotaram duas instituições - Escola de Excepcionais e Instituto de Psicologia - que, pela sua importância, merecem um destaque especial. E o que se verá a seguir.

## A escola para excepcionais

"Ninguém é culpado, porém todos somos responsáveis."

(Odylo Costa, filho)

"A primeira escola para anormais, praticamente uma cadeira complementar anexada ao Curso de Aplicação da Escola Normal, foi criada por ato do então governador Sérgio Loreto, em 27 de janeiro de 1925. Para regê-la, *fui nomeada* por ato do dia seguinte." (Barreto, 1978, p.72-73, grifo nosso). O nome de Anita Paes Barreto está estreitamente vinculado ao trabalho do professor Ulisses. Nascida no Recife, fez seus estudos primários no modelar Colégio Eucarístico (hoje extinto) e diplomou-se pela Escola Normal Oficial durante a gestão de Ulisses Pernambucano e, como aluna laureada, obteve a outorga da "cadeira-prêmio". Já no tempo de normalista, interessou-se pelo estudo da criança excepcional e, em 1925, assume a responsabilidade de dirigir a iniciante escola para anormais, como era então chamada.

O interesse de Ulisses Pernambucano pela criança excepcional já pode ser detectado bem antes, em 1918, quando, concorrendo para professor da Escola Normal, defendeu a tese sob o tema **Classificação das Crianças Anormais**, conforme já visto em capítulo anterior. Já nesse trabalho, ele apontava para a necessidade da educação dos deficientes mentais. E, também, com o superdotado. No relatório que elabora e encaminha ao Secretário do Interior ejustiça, em 1924 (apud Valente, 1959, p.23-24), é enfático:

"...ousou lembrar a necessidade de cogitar os nossos regulamentos de ensino de melhor aproveitamento das crianças bem dotadas de inteligência, que avançam sobre os escolares da mesma idade. Atravessamos uma época em que as nações se impõem pelo valor dos seus filhos. Aproveitar aqueles que

parecem na escola representar os futuros valores mentais, aquilo que eu chamaria de expoentes escolares, é dever de patriotismo. Poderíamos tentar a criação logo que estabelecêssemos os nossos testes de aptidão de uma escola para supernormais."

Essa escola para superdotados não vingou; vingou para os infradotados, e logo no ano seguinte; o que foi motivo de alegria para o dinâmico e lúcido diretor. Tanto é, que, no relatório de 1925, ele depõe: "Felizmente nosso esforço nesse sentido (escola de anormais) foi coroado de êxito" (Valente, 1959, p.24).

Na realidade, como esclareceu a sua primeira diretora, professora Anita Paes Barreto (1978), a escola para anormais funcionou durante alguns anos, mais como uma classe especial do Curso de Aplicação anexo à Escola Normal ou uma "cadeira" do ensino primário, do que como uma escola propriamente dita. Esta experiência pioneira se desdobrou em duas frentes: uma de iniciativa privada e outra pública.

Na linha da iniciativa privada, Ulisses Pernambucano comandou a criação de uma escola para excepcionais com a colaboração decisiva dos sócios da Liga de Higiene Mental de Pernambuco, recentemente fundada, e com doação de numerosas pessoas físicas e jurídicas. Sendo os recursos financeiros insuficientes para a magnitude da empreitada, a Liga empreende uma ampla divulgação através de rádio e jornal. Efetuou, também, diversas campanhas, como uma bem-sucedida "...coleta pública de óbolos destinados à construção da Escola para Anormais, levada a efeito por um grupo de senhoras e senhorinhas do nosso meio social" (**Noticiário dos Arquivos da Assistência a Psicologia**, 1934, p.176).

Em 25 de setembro de 1934, foi lançada a pedra fundamental para a construção da escola, planta do renomado arquiteto Joaquim Cardoso, em um "terreno de proporções consideráveis" (Costa Carvalho, 1976b). Entretanto, já no ano seguinte, Ulisses Pernambucano passou a sofrer — como se verá mais adiante — restrições e perseguições políticas que, aliadas a dificuldades financeiras, influenciam no andamento dos trabalhos.

Antecipando-se à construção, Ulisses Pernambucano punha em funcionamento uma pequena escola: para excepcionais em dependências do Sanatório Recife, de sua propriedade, na Rua do Padre Inglês. Esta escola nasceu, pois, como uma instituição particular ligada à Liga de Higiene Mental de Pernambuco.

A construção da escola foi uma tarefa árdua e demorada. E só por ocasião do décimo aniversário da morte de seu fundador e incentivador - 5 de dezembro de 1953 - é efetivamente sediada nas novas instalações da Rua Cônego Barata nº 195. De imediato passou a atender não só crianças subdotadas, mas também superdotados. E isto graças ao decidido e voluntário empenho de seus antigos colaboradores, membros da Liga de Higiene Mental, sobretudo Anita Pereira da Costa, Cecília Di Lascio e Marta Carvalho que, ocupando diferentes cargos de direção, "...nada percebiam pelo seu trabalho".

Em 1964, a Liga de Higiene Mental celebrou um convênio com a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), transferindo para esta a responsabilidade de sua administração. Atualmente, atende a 316 excepcionais de ambos os sexos, na faixa etária de zero a 14 anos, atuando nas áreas de deficiência mental, deficiência auditiva e problemas de conduta (Sobral, 1990).

Já o desdobramento no ensino público só foi implementado, efetivamente, em 1941, quando foi criada uma escola específica para a educação da criança subdotada. E isto ocorreu justamente com a Escola Aires Gama, através da promulgação do Ato nº 137, de 27 de janeiro de 1941. Assinado pelo então Interventor Federal em Pernambuco, Agamenon Magalhães, o dispositivo legal fixava as características do Externato Primário para Anormais Educáveis, dentre as quais a exigência de que a educação dos anormais deveria ser precoce, dando-se preferência à matrícula de crianças na faixa de 7 a 8 anos.

No mesmo **Diário Oficial** (28 de janeiro de 1941) e na mesma página, era publicado o Ato nº 138, de 27 de janeiro de 1941, o qual designava a professora Anita Paes Barreto para "...exercer o cargo de diretora da Escola Aires Gama, criada por ato nesta data, com a gratificação de 200\$000 mensais". Esta função foi exercida com grande dedicação e competência de 1941 a 1957. E numa medida de reconhecimento e justiça, seis anos depois de criada, pelo Ato nº 125 de 22 de Janeiro de 1947, o Interventor Federal determinou que "...passe a chamar-se Escola Especial Ulisses Pernambucano a Escola Aires Gama situada na Capital e instituída como externato primário para anormais educáveis" (D.O. de 23 de abril de 1947).

A escola funcionou durante vários anos à Av. João de Barros nº 594 - hoje Conservatório Pernambucano de Música - e sua atual localização à Rua Gouveia de Barros data de agosto de 1966, em edificação apropriada, para cuja inauguração estiveram presentes o pre-

sidente da República Castello Branco, o governador do Estado Paulo Guerra e o ministro da Educação Raimundo Muniz de Aragão, conforme consta em placa alusiva ao fato no hall de entrada.

Atualmente, a Escola atende a 300 crianças deficientes mentais através de seus setores administrativo, técnico, pedagógico e de terapia ocupacional (oficinas).

O pioneirismo de Ulisses Pernambucano nessa área foi reconhecido pela própria professora Helena Antipoff, russa que chegou ao Brasil em 1929. "Russa-mineira, mineira-universal no dizer poético de Carlos Drummond de Andrade, ela foi fundadora, em 1932, da modelar Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte e que, posteriormente, se espalhou pelo País. Com efeito, Helena Antipoff desenvolveu um notável trabalho, em bases científicas e de doação pessoal, pela causa da assistência aos excepcionais. Com relação a este fato, a própria Anita Paes Barreto depõe:

"De tal modo era Helena Antipoff autêntica, idônea e responsável, que ela própria nunca deixou de atribuir a Ulisses Pernambucano o pioneirismo, no Brasil, no campo da educação de excepcional, e até na coordenação das pesquisas psicológicas, através do Instituto de Psicologia do Recife, conforme tive ocasião de ouvir, pessoalmente, no 3º Seminário sobre a Infância Excepcional, promovido pela Sociedade Pestalozzi de São Paulo, de 21 a 28 de setembro de 1953. Essa mesma afirmativa acaba de ser referendada por uma de suas ex-alunas, entre as mais íntimas e brilhantes. Elisa Dias Veloso<sup>1</sup>, quando, em artigo publicado em memória de Helena Antipoff, falecida em 1974, aos 82 anos, declarava que, todas as vezes que ela era indicada como pioneira no campo da assistência e educação dos excepcionais, fazia questão de assinalar a precedência do trabalho de Ulisses Pernambucano." (Barreto, 1978, p.74-75).

<sup>1</sup>Esta referência ao depoimento de Elisa Dias Veloso consta do artigo **Helena Antipoff, Psicóloga publicada** nos **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, v.28n. I, p.104, 197ri.

## O Instituto de Psicologia

"Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?" (Álvaro de Campos, em *Tabacaria*, 1972, p.257)

"Em pequeno volume, aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus, para que vejas  
Por onde vás e irás e o que desejas." (Camões, em *Os Lusíadas*, canto décimo, v. 79, 1983, p. 374)

A Psicologia, no Brasil, como área razoavelmente emergente das Ciências Humanas, remonta às primeiras décadas deste século. É marco comumente referido que o primeiro laboratório de Psicologia surgiu no Rio de Janeiro, em 1907, no antigo Hospital Nacional de Alienados. A Psicologia Aplicada, propriamente dita, só apareceria depois.

Os primeiros responsáveis pela aplicação da Psicologia a situações do cotidiano eram predominantemente médicos (Scheeffter, 1976) como o notável pediatra doutor Fernandes Figueira que trabalhou com o teste de Binet — 1913 — e, em menor contingente, educadores como o professor Lourenço Filho que, nos anos 20, visualizaram ser a escola um excelente campo de atuação da infante ciência. Tais trabalhos tinham a marca do pioneirismo, mas num contexto de experiência pessoal, ligados a serviços setorializados.

Como instituição cientificamente autônoma, entretanto, o primeiro organismo no gênero a ser implementado e a funcionar regularmente no Brasil foi o Instituto de Psicologia do Recife, conforme assinala o emérito historiador Paulo Rosas (1984 e 1985) e a notável psicóloga Ruth Scheeffter (1976) da Fundação Getúlio Vargas.

E o seu criador e grande animador é exatamente Ulisses Pernambucano. Mais uma vez é realçado o seu pujante pioneirismo -um homem adiante de seu tempo - aliado a uma grande capacidade de implantar, na prática, as suas férteis idéias.

O Instituto de Psicologia nasceu apenas cinco meses depois da

criação da já referida escola para excepcionais. Com efeito, o Instituto de Psicologia foi criado no mesmo ano de 1925, em junho. Antes, porém, o professor Ulisses teve a preocupação de preparar o pessoal para lidar com o trabalho a ser empreendido, o que revela o seu nível de seriedade e responsabilidade científica. É relato do próprio Ulisses (1930, p.3 e 4):

"Em 1924, achando-me na direção da Escola Normal, comecei a interessar professoras e alunas nas questões práticas da Psicologia. São destas datas os primeiros trabalhos, ainda teatantes: **Jardim da Infância e Educação dos Sentidos**, da professora Ana Campos; **O Teste A de Rossolimo em Crianças Normais e Anormais**, das professoras Maria das Neves Monteiro e Maria de Lourdes Vasconcelos. Estes, que foram publicados no **Anuário da Instrução de Pernambuco** (1925), e outros, em que eu procurava familiarizar o pessoal docente e as alunas do último ano do curso com o método dos testes, marcam uma nova fase nos estudos psicológicos em Pernambuco."

Paralelamente ao "adestramento do pessoal" (Pernambucano, 1930, p.4), Ulisses solicita ao então deputado do Congresso do Estado e professor da Escola Normal, Armando Gayoso, que apresente à Câmara o projeto de criação do Instituto. O projeto teve boa acolhida, pois rapidamente é aprovado, transformado em lei e regulamentado. E, pelas mãos do governador Sérgio Loreto, é assinado o Ato 782 de 15 de junho de 1925, criando o Instituto de Psicologia que ficou anexado ao Departamento de Saúde e Assistência, na época dirigido pelo brilhante sanitarista doutor Amaury de Medeiros, que deu grande apoio à iniciativa, inclusive, cedendo duas salas para a sua instalação inicial.

Como diretor do Instituto, Ulisses congregou ao seu redor diversos nomes que mostravam interesse pela área, como a sua primeira assistente, Anita Paes Barreto, que assumiu a sua direção no biênio 1927-1928, Sílvio Rabelo, Ana Campos, Anita Costa, Maria das Neves Monteiro, Maria Leopoldina, Alda Campos, Helena Campos, Maria de Lourdes Vasconcelos, Cirene Coutinho, Celina Pessoa, Quitéria Cordeiro, entre outros'. Todos, mais cedo ou mais tarde, chegaram a publicar trabalhos produzidos no âmbito do Instituto.

Os trabalhos envolviam, predominantemente, testes psicológicos. Foram efetuadas padronizações de testes e com funções práti-

cas bem definidas. Duas áreas de aplicação: seleção de candidatos para a Escola Normal e encaminhamento para a Escola de Excepcionais.

Como já foi referido no capítulo da Escola Normal, Ulisses Pernambucano conseguiu introduzir, no regulamento do Ensino Normal do Estado de 1927, que só seriam aceitas inscrições de candidatos a exame de seleção com idade cronológica inferior a 13 anos caso apresentassem "...um atestado que lhes conferisse a idade mínima de 13 anos, fornecido pelo Instituto de Psicologia" (Barreto, Campos, 1935, p.137).

Outro campo de aplicação ocorreu com a Escola de Excepcionais. A sua primeira diretora, Anita Paes Barreto (1978, p.73) depõe que "A criação do Instituto de Psicologia vinha, justamente, permitir entre nós o estudo científico da criança normal e anormal, e a investigação inicial, da presença dos deficientes mentais entre os escolares ou entre crianças em idade escolar, sem condições de frequentar a escola comum".

Os trabalhos realizados pelo Instituto consubstanciaram um acervo técnico-científico apreciável. Especificamente na área de testes, os trabalhos, sob a supervisão direta de Ulisses Pernambucano, aglutinaram um grupo de pessoas com importantes contribuições à emergente Psicologia no Estado.

Dentre as contribuições mais significativas podem ser referidas:

- Anita Paes Barreto: **Estudo Psicotécnico de Quatro Supernormais e Revisão Pernambucana da Escala Métrica Binet Simon Terman**, trabalho monumental que consumiu 10 anos de esforço;
- Anita Paes Barreto e Ana Pereira da Costa: **Ensaio de Padronagem do Teste Colúmbia e Ensaio de Aplicação de Testes Pedagógicos**;
- Anita Paes Barreto e Celina Pessoa: **Estudo Psicotécnico do Teste de Deaborn**;
- Ulisses Pernambucano e Anita Paes Barreto: **Estudo Psicotécnico de Alguns Testes de Aptidão, Ensaio de Aplicação das 100 Questões de Ballard** e o interessantíssimo **O Vocabulário das Crianças das Escolas Primárias do Recife**, cujo objetivo era orientar a elaboração de compêndios escolares;
- Ulisses Pernambucano e Maria Leopoldina de Oliveira (mais tarde, Madre Oliveira, religiosa Dorotéia): **Quociente de Inteligência em Escolares do Recife**;

- Ulisses Pernambucano e Alda Campos: **Teste A Bola e o Campo em Crianças de 12 a 13 Anos**;
- Sílvio Rabelo: **O Desenho como Meio de Pesquisa**;
- Cirene Coutinho: **Padronagem do Northumberland Test** e colaboração na monumental **Revisão Pernambucana da Escala Métrica Binet-Simon-Terman**;
- Alda Campos: colaboração na **Revisão Pernambucana da Escala Métrica Binet-Simon-Terman**;
- Maria Leopoldina de Oliveira: **Teste Alfa e Teste de Desenho de Miss Florence Goodnough**;
- Maria das Neves Monteiro e Maria de Lourdes: **O Teste A de Rossalimo em Crianças Normais e Anormais**;
- Rui do Rego Barros: **O Perfil Psicológico dos Criminosos**;
- Pedro Cavalcanti: **Contribuição ao Estudo do Estado Mental dos Médiuns**.

A maioria destes trabalhos foi publicada nos **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, revista fundada por Ulisses Pernambucano em 1931 e veiculada durante vários anos.

Em 1929, o Instituto de Psicologia teve alterada a sua denominação para Instituto de Seleção e Orientação Profissional, ficando subordinado à Secretaria de Justiça e Instrução. Assim, o Instituto de Psicologia saía da esfera da administração da Saúde, passando para a da Educação e retornando à direção o professor Ulisses. Pela mudança, o Instituto teve ampliadas as suas atribuições e as próprias instalações físicas — nº 307 da Rua da Intendência, hoje Av. Manoel Borba - tomam-se mais adequadas.

O novo regulamento, datado de 9 de agosto de 1929, define os seus objetivos, agora já mais ambiciosos:

- "a) estabelecer testes de aptidão que facilitem a tarefa de seleção e orientação profissional nas escolas profissionais, nas escolas primárias, técnico-profissionais, normais e secundárias;
- b) estabelecer testes pedagógicos que auxiliem ou substituam o atual processo de exame;
- c) estabelecer testes diagnósticos que mostrem o alcance dos conhecimentos dos alunos nas disciplinas que estudam;
- d) estabelecer testes para preencher as lacunas encontradas nas pesquisas da letra c;
- e) estabelecer testes aplicáveis ao diagnóstico das crianças anormais e supernormais;
- f) continuar o trabalho iniciado pelo antigo Instituto de Psico-

logia, para a revisão da série dos testes de idade, de Binet-Simon-Terman;

g) proceder a pesquisas tendentes a orientar o trabalho em estabelecimentos fabris e oficinas;

h) estabelecer testes e proceder ao exame físico-psicológico dos candidatos a profissões cujo exercício interessa particularmente ao poder público (agentes de polícia, guardas civis, condutores de veículos, sinaleiros, vigias, etc.); i) fazer estudos de psicologia patológica, de acordo com o diretor do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, a requisições deste ou por iniciativa do diretor do Instituto." Em 1931, o então interventor federal no Estado, Carlos de Lima Cavalcanti, pelo Ato nº 26, de 10 de janeiro de 1931, cria o Serviço de Assistência a Psicopatas e, em seu Art. 8º, estabelece: "O atual Instituto de Seleção e Orientação Profissional fica subordinado à Assistência a Psicopatas com sua primitiva designação de Instituto de Psicologia". E em seu parágrafo único são fixadas as suas finalidades: "Nele se farão todas as pesquisas psicológicas para o diagnóstico das doenças mentais, para o conhecimento da mentalidade de nossa gente, diagnóstico de aptidões para a orientação profissional, além dos que lhe forem solicitados pelas autoridades do ensino" (D.O. de 11 de janeiro de 1931, p.54).

A nova alteração da denominação e finalidades não modificaram o perfil de qualidade dos trabalhos desenvolvidos. O seu corpo técnico, animado pela séria e dinâmica liderança de Ulisses Pernambucano e Anita Paes Barreto, continuou a efetuar o seu já reconhecido trabalho na área da Psicologia. Nascido na esfera da Psicopedagogia, o Instituto, a partir da reforma de 1931, ingressa na área da Psicopatologia.

Para se ter uma idéia quantitativa da atuação do Instituto de Psicologia neste novo enfoque de atuação, apresentam-se, a seguir, alguns dados constantes dos relatórios de 1933 e 1934.

| TIPO                                    | 1933  | 1934  |
|-----------------------------------------|-------|-------|
| Exame de LM. e Q.I. Perfis psicológicos | 2.009 | 454   |
| Aplicação de testes diversos            | 20    | 183   |
|                                         | 5.584 | 1.951 |

Só estes dados já dão idéia do grande volume de atividades desenvolvidas pelo nacionalmente pioneiro Instituto de Psicologia. Mas, talvez, os seus maiores méritos tenham sido a formação de um respeitável grupo de pesquisadores e o apontar, em milhares de pessoas, para uma vida mais consentânea com suas aspirações e potencialidades...

## Diretor do Ginásio Pernambucano

"Eu conheci a velha casa da Rua da Aurora, caindo aos pedaços, de corredores sujos, de salas como de escolas públicas do interior. O Ginásio era o mesmo de meio século atrás. Lembro-me dos meus exames de 1917, como de um pesadelo. A gritaria do pessoal da casa contra os de fora fazia tremer as paredes. O velho Malaquias de fraque, o secretário parecido com Dom Pedro II, o mestre Farias Neves, o padre Cabral puxando no português, o dr. Trajano reprovando, o dr. Oswaldo Machado aos gritos, a patazete camarada do dr. Arnóbio. O Ginásio era apenas um lugar onde reprovavam ou aprovavam. Depois voltei lá no tempo da diretoria Olívio Montenegro. Era outra casa, corredores, sala, pátios, tudo modificado, rejuvenescido. Tudo aquilo fora obra de Ulisses Pernambucano. Um médico de doidos, professor de Psicologia, havia modificado o velho Ginásio como já fizera com a Escola Normal." (José Lins do Rego, 1937, p.7)

O Ginásio Pernambucano, fundado em 1825 com o nome de Liceu Provincial, é um estabelecimento de ensino secundário dos mais antigos do Brasil. Seu funcionamento inicial foi bastante precário. Por falta de instalações físicas, começou suas atividades em algumas salas do Convento do Carmo, convivendo "com duas vizinhanças das mais incômodas: o Hospital Militar, situado no andar superior, e o trem do Arsenal que corria nas adjacências" (Belo, 1978, p.86). O seu primeiro diretor, em ofício encaminhado ao presidente da Província, solicitava "...cadeiras para o curso de Retórica, relógio de parede para regular a hora de estudos, tinteiro, pena e papel para o porteiro, um preto para serviço da casa, uma jarra, copo e quartinha para minha aula (...) e mandar arranjar uma privada, que é de absoluta necessidade" (Belo, 1978, p.87).

Apesar desse início precário e claudicante, o Liceu Provincial - "filho espiritual do Seminário de Olinda" como é comumente lembrado - cresceu e frutificou. Já com a denominação de Ginásio Pernambucano, em 1866 foi inaugurada uma edificação adequadamente construída para acolhê-lo às margens do Rio Capibaribe, na Rua da Aurora, "a mais recifense das ruas", no oportuno dizer de Gilberto Freyre (1966, p.10) e onde, até hoje, se situa.

O Ginásio Pernambucano teve uma participação exponencial no ensino público do Estado. Pelo vetusto Ginásio passaram, quer como alunos ou professores, nomes os mais expressivos da cultura pernambucana. Mauro Mota, prefaciando o livro de Olívio Montenegro, **Memórias do Ginásio Pernambucano**, coloca-o como "...a mais importante instituição de ensino da Província, o verdadeiro centro de gravitação de todas as outras escolas" (Montenegro, 1979, p.xiii).

Apesar de todo esse passado de glórias, o Ginásio, na década de 20, cassada momentos difíceis. Dificuldades que se caracterizavam pela insuficiência de verbas, má administração, queda do nível de qualidade do ensino, falta de disciplina. Diante do quadro adverso, um nome é lembrado para enfrentá-lo: Ulisses Pernambucano. Oriundo dos próprios quadros docentes do Ginásio, pois dele era professor catedrático desde 1919, e tendo efetuado excepcional administração na Escola Normal Oficial (1923-1927), seu nome logo se impôs.

E o contexto sócio-político-cultural da época estava-se tornando favorável às administrações mais ousadas e efervescentes. A década de 20 foi uma época de inquietação reformista, da formação do tenentismo, de fortes aspirações libertárias, da influência nascente da Escola Nova, da acentuada repulsa aos oligopólios vigentes.

A nível local, a ebulição é, em parte, deflagrada por Gilberto Freyre que, através de seus "artigos numerados", começa a abalar a inércia intelectual da província (Cavalcanti, 1986). O Movimento Regionalista de 1926 - capitaneado pelo jornal diário **A Província** - foi um desdobramento local do Movimento Modernista de 1922. Iniciaram-se estudos e pesquisas antropológicas e sociológicas, ligadas ao Movimento Regionalista, que podiam ser visualizados como os alicerces da atualmente sólida e pujante Fundação Joaquim Nabuco e que, até 1980, denominava-se Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Tal efervescência se manifestou em diversos setores da vida



Ginásio Pernambucano (à direita). Situado as margens do Rio Capibaribe, na Rua da Aurora — "a mais recifense das ruas" no dizer de Gilberto Freyre -, foi uma instituição modelar do ensino público.

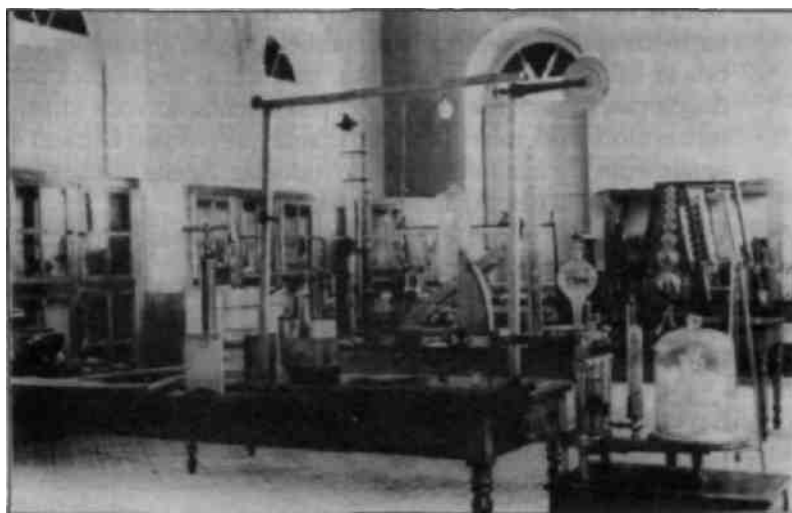
Ulisses Pernambucano foi Diretor desta mais que centenária instituição de 1928 a 1930 (Foto: arquivos da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco.)

artística e cultural da cidade. Assim, por exemplo, foi no ano de 1925 que se exibiu no Recife o primeiro filme - **Retribuição** - realizado por uma empresa cinematográfica pernambucana e com elenco pernambucano. E inexistindo uma universidade no Estado, os intelectuais se aglutinaram no ofício de escribas ou polemistas nos jornais da cidade ou de docentes no ensino secundário, cujos eixos mais significativos eram, na esfera particular, os colégios Santa Margarida e Prítaneu e, na área pública, a Escola Normal e o Ginásio Pernambucano.

No plano político estadual, em 1926, assumiu o governo o doutor Estácio Coimbra. Político de larga visão, além de vários mandatos como deputado, tivera uma experiência administrativa enriquecida como vice-presidente da República no governo de Artur Bernardes (1922-1926). Seu programa de governo, para o Estado, incluía um amplo apoio à animação cultural e modernização da educação. E, ao assumir a administração estadual, efetivamente, deu curso à implementação de seu ambicioso programa, cuja Reforma Carneiro Leão (Ato nº 1.239, de 1929) foi o ponto culminante.

No contexto dessa ebulição, colocou Ulisses Pernambucano para dirigir o Ginásio Pernambucano, com o objetivo de resgatar a glória e a importância da velha escola, então abaladas. Ulisses Pernambucano assumiu o cargo de diretor em 4 de agosto de 1928 e, por contingências várias, deixa a função menos de dois anos depois.

Mesmo em tão curto espaço de tempo realizou uma administração digna de elogios. Restaurou as instalações físicas - o depoimento do escritor José Lins do Rego no início do capítulo é eloquente -, equipou laboratórios e biblioteca, impôs rigor e lisura na admissão de alunos e professores, modernizou o ensino, já dentro do espírito da ousada e progressista Reforma Carneiro Leão (já previa educação sexual nas escolas), por sua vez concebida no ideário da Escola Nova.



Laboratório de Física e Química do Ginásio Pernambucano. Considerado "modelo" pelas autoridades do ensino, o laboratório foi instalado em 1929, na gestão do professor Ulisses Pernambucano. (Foto: arquivos da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco.)

E para verificar *in loco* o efeito dessas transformações, o governador Estácio Coimbra - que meses depois, por força da Revolução de 1930, exilou-se na Europa acompanhado de seu fiel amigo Gilberto Freyre — foi ao velho Ginásio. Na visita teceu merecidos elogios à atuação do dinâmico diretor. E Ulisses Pernambucano, saindo de sua

habitual discrição, em discurso de saudação ao governador, confessou: "O Ginásio readquiriu o seu antigo prestígio" (**A Província**, 8 de janeiro de 1930, p.3).

Coisas da vida: por esses mesmos dias recebeu igual elogio de Agamenon Magalhães, na época professor daquela instituição e que em breve, com a Revolução de 1930, iria desempenhar importante papel político, quer como interventor no Estado, quer como ministro do governo Vargas. O político em ocaso da República Velha e o político emergente do futuro Estado Novo eram unânimes no reconhecimento do mérito do grande mestre e do eficaz administrador. Eis, na íntegra, o telegrama do doutor Agamenon Magalhães transcrito em **A Província** (8 de janeiro de 1930, p.3), que sintetizou a curta administração do professor Ulisses:

"Estive hoje Ginásio reassumindo exercício e não posso conter meus aplausos remodelação edifício, novas aquisições gabinete física, química, biblioteca, magníficas instalações pedagógicas, tudo consentâneo elevada orientação você imprimiu ensino. Podemos dizer com ufania que o nosso Ginásio é atualmente um instituto de ensino modelar. Aceite minhas calorosas felicitações. Agamenom Magalhães." Um mês depois - 9 de fevereiro de 1930 - Ulisses Pernambucano renunciou ao exercício do cargo.

## A Escola Psiquiátrica do Recife

"De médico e de louco, todos nós temos um pouco."

(ditado popular)

O vigor das idéias e ações de Ulisses Pernambucano no campo da Medicina Psiquiátrica, da Educação, da Psicologia e da Antropologia, bem como a formação de um notável grupo interdisciplinar de auxiliares e pesquisadores, redundou no surgimento da Escola Psiquiátrica do Recife, com características bem marcantes.

Nesta equipe interdisciplinar, na área médica, salientam-se os nomes de Gildo Netto, Vicente de Matos, Jarbas Pernambucano, José Carlos Cavalcanti Borges, João Marques de Sa, José Lucena, Albino Fernandes, René Ribeiro, José Otávio de Freitas Júnior, Abaeté de Medeiros, Alcides Benício, Arnaldo Di Lascio, Zacarias Maciel e Ladislau Porto. Já no campo da Antropologia, as participações mais significativas foram as de Waldemar Valente e Pedro Cavalcanti, ao lado dos já referidos médicos René Ribeiro e Albino Fernandes. E na área da Psicopedagogia, são nomes exponenciais os de Anita Paes Barreto, Anita Pereira da Costa, Eulália Fonseca e Sílvio Rabelo.

A formação e a caracterização da Escola Psiquiátrica do Recife foi um processo lento e árduo. Resultou da confluência de algumas vertentes, as quais serão vistas a seguir.

### Primeira Vertente: Atuação Docente

Foi na ministração das variadas disciplinas que lecionou, onde podem ser detectadas, provavelmente, a evolução e as sistematizações mais significativas do ideário de uma psiquiatria humanista, higiênica, social. Numerosos depoimentos (Rabelo, 1937a; Coutinho, 1937; Pinto, 1937; Lucena, 1945; Carvalho, 1945; Ribeiro,

1945; Di Lascio, 1945; Moraes, 1945; Cerqueira, 1945; Freitas Júnior, 1953; Freyre, 1966; Barreto, 1978; Valente, 1978b) realçam a importância docente do mestre.

A atuação de professor de Ulisses Pernambucano, iniciada em 1919, no Ginásio Pernambucano, na cadeira de Lógica, após memorável concurso público (vide capítulo 2: **O Despertar da Vocação Docente**), teve ininterrupta continuidade não só no Ginásio mas também na Escola Normal e na Faculdade de Medicina do Recife. O ensino nos atuais segundo e terceiro graus conviveram harmoniosamente no eminente professor.

Foi o ensino na Faculdade de Medicina do Recife, seguramente, a cátedra mais proeminente da atuação docente do mestre na formulação e irradiação da Escola Psiquiátrica do Recife. E isto através da ministração de várias cadeiras interdisciplinares: "professor substituto da Clínica Neurológica e Psiquiátrica; professor catedrático de Semiologia Neuro-Psiquiátrica e, finalmente, professor catedrático de Clínica Neurológica" (Di Lascio, 1945, p.253), ministradas com invulgar competência e carisma nas décadas de 20 e 30.

A sua capacidade realizadora e senso de integração o faz propor, já no mesmo ano de início do funcionamento efetivo da Faculdade de Medicina - 1920 -, a criação de uma Universidade... Com efeito, a Ata da 14ª Sessão Ordinária da Sociedade de Medicina, realizada em 16 de setembro de 1920, registra:

"Passando-se à ordem do dia, toma a palavra o doutor Ulisses Pernambucano, que, após fazer várias considerações a respeito da criação de uma Universidade, lembra e propõe que uma comissão da

Sociedade se dirija aos poderes superiores do Estado e às congregações dos vários institutos de ensino secundário e superior, a fim de, em ação conjunta, pleitearem mais eficazmente a realização de tal idéia. Aprovada esta proposta, o senhor presidente nomeia para tratar de tal assunto a comissão composta dos doutores Otávio de Freitas, Artur de Sá, Arsênio Tavares, Costa Carvalho e Edgar

Aluno." Só muitos anos mais tarde, essa longínqua proposta do mestre adiante de seu tempo é implementada, consubstanciando o que hoje representa a sólida Universidade Federal de Pernambuco congregando um respeitável contingente de cerca de 15000 pessoas.

Ulisses Pernambucano tinha uma grande capacidade de despertar e ajudar a desenvolver potenciais talentos em seus alunos. Um deles - doutor Luiz Cerqueira - depõe: "Como mestre e orientador

de pesquisas, Ulisses Pernambucano constitui um exemplo singular: não criava capangas científicos, mas colaboradores. Observava na Faculdade os melhores alunos e com sua extraordinária fascinação os interessava no estudo da Psiquiatria admitindo-os como internos residentes" (Cerqueira, 1945, p.299).

O paraibano doutor Luciano de Moraes, que durante vários anos dirigiu a Assistência a Psicopatas da Paraíba e manteve estreitos contatos profissionais com Ulisses Pernambucano, tem idéia semelhante sobre o notável psiquiatra. Para ele, foi na cátedra que o amigo revelou em toda a sua plenitude o seu talento. Refere ainda que suas aulas sobre Psicologia, Lógica, Filosofia, Neurologia ou Psiquiatria eram concorridíssimas; e o Mestre sabia cativar a confiança, a estima e o respeito de seus ouvintes. Ouvintes que se tornavam discípulos. A atuação docente de Ulisses Pernambucano foi, com efeito, a primeira grande vertente para a formação da Escola Psiquiátrica do Recife. E não apenas por saber formar uma equipe multidisciplinar de escol, mas por suas próprias qualidades de professor e de profissional em sua área de trabalho. Seu primo e amigo, sociólogo Gilberto Freyre, em conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Alagoas em 1944, pouco depois de sua morte, assim descreve:

"...Ulisses Pernambucano é dos que passaram pelo mundo agindo, sofrendo e criando. Não foi um professor que se limitasse a ensinar e nem um tecnocrata que se contentasse em dirigir burocraticamente repartições ou serviços. Quando George Bemard Shaw escreveu maliciosamente dos professores que *those who can do, do it, those who can not do, teach it* (os que sabem fazer, fazem, e os que não sabem fazer, ensinam), não atingiu nem de leve o professor Ulisses Pernambucano de Mello. Ele ensinava o que sabia fazer." (Freyre, 1966, p.9).

#### Segunda Vertente: a Assistência a Psicopatas de Pernambuco

A eclosão e a vitória da Revolução de outubro de 1930 trouxe profundas mudanças político-institucionais para o País. Em Pernambuco, deixa o governo às pressas o doutor Estácio Coimbra o qual terminou por se exilar na Europa e assumiu o poder, como interventor, o bacharel Carlos de Lima Cavalcanti.

Político progressista, ligado à imprensa (fundador, em 1927, do ainda existente **Diário da Manhã**), planejou para o Estado uma

série de reformas de cunho social e modernista. O Recife já era uma cidade "inchada", com cerca de 450.000 habitantes.

Preocupado com as precárias condições asilares do único hospital de alienados então existente — o tradicional Tamarineira —, o interventor resolveu convocar Ulisses Pernambucano para efetuar uma ampla reforma na administração da saúde mental do Estado. O diagnóstico inicial efetuado pelo próprio Ulisses com relação ao Hospital da Tamarineira é contundente:

"Para ele convergiam todos os psicopatas do Estado e muitos dos vizinhos. Indistintamente ali eram acolhidos não só alienados, como os que poderiam ser tratados em hospital aberto e ainda os loucos criminosos, os epiléticos, os toxicômanos, etc. Acresce que não dispúnhamos de instalações especiais para os crônicos que viviam em lamentável estado de inação (...) Essa promiscuidade prejudicava a todos." (Pernambucano, 1932, p.3).

A superlotação era outro problema grave. Nesta época o nosocômio tinha cerca de 700 internados, mais que o dobro da capacidade. Em ofício dirigido ao secretário do interior, Ulisses relatou que "em certas enfermarias o acúmulo de doentes era tal que não havia lugar senão para que dormissem sentados" [*apud* Coelho Filho, 1953, p.426).



Hospital de Alienados da Tamarineira, nas primeiras décadas do século. O professor Ulisses Pernambucano foi duas vezes seu diretor (1924-1926 e 1931-1935), realizando uma administração tida na época como revolucionária. Hoje, merecidamente, a instituição tem o nome de Hospital Ulisses Pernambucano. (Foto: arquivos da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco.)

Diante desse quadro, o interventor Carlos de Lima Cavalcanti resolveu convidar Ulisses Pernambucano para reassumir a direção

do hospital. Com efeito, nos anos de 1924 a 1926, ele já dirigira o Tamarineira, efetuando uma administração revolucionária: abolindo os cárceres e camisas de força, dando tratamento humano e personalizado, construindo novos pavilhões e acomodações, introduzindo novos serviços (a residência para acadêmicos de Medicina, por exemplo, foi a primeira do Estado). Aqui ele pos em prática a saga de um Pinei, um Juliano Moreira, um professor Austregésilo ou um Ulisses Viana, alguns desses, seus mestres no Hospital de Alienados da Praia Vermelha...

A revolução empreendida já em sua primeira gestão à frente do Hospício de Alienados (1924 a 1926), popularmente conhecido com o nome do bairro onde se situava - Tamarineira -, repercutiu além-fronteiras. O depoimento do autor de **Menino de Engenho**, José Lins do Rego, é eloquente: "Em menino, num engenho da Paraíba, ouvia falar da Tamarineira como de um inferno. A casa de doídos do Recife criara a sua fama terrível. Ulisses reduziu-a a uma casa de saúde modelar. Tudo o que era camisa de força, grades de ferro, castigos, ficara como uma lembrança infeliz, uma recordação tenebrosa" (Rego, 1937, p.8).

Entretanto, o convite formulado em dezembro de 1930 (Pernambuco, 1930) desta vez é mais abrangente: além da direção do hospital, deve reestruturar todo o serviço da assistência a psicopatas do Estado. Vozes contra a indicação se levantaram, pois viam em Ulisses alguém que já trabalhara em governos pré-revolucionários!

O interventor mantém-se firme. E o notável psiquiatra, como era de seu feitio, "arregaça as mangas" e enfrenta o desafio. Apenas um mês depois, sob a sua inspiração, é assinado o Decreto (Ato) nº 26, datado de 10 de janeiro de 1931, que cria o Serviço de Assistência a Psicopatas.

É para que se possa aquilatar a profundidade e o mérito da reforma, transcreve-se, a seguir, o referido Decreto em todos os seus artigos (D.O., 11 de janeiro de 1931, p.54):

"Ato n.º 26, de 10 de janeiro de 1931 - O interventor Federal no Estado, considerando... etc.

#### DECRETA

Art. 1º - Subordinado à Secretaria da Justiça e Negócios Interiores, fica criado o Serviço de Assistência a Psicopatas.

Art. 2º - A Assistência a Psicopatas compreenderá:

I - Serviços para doentes mentais não alienados: a) ambulatorios; b) serviço aberto.

II - Serviços para doentes mentais alienados: a) hospital para doentes agudos; b) colônia para doentes crônicos.

III - Manicômio judiciário.

IV - Serviço de higiene mental: a) serviço de prevenção das doenças mentais; b) Instituto de Psicologia.

Art. 3º - O ambulatório e o hospital para pequenos psicopatas funcionarão como os serviços comuns de assistência, excluindo as formalidades que se exigem para o internamento de alienados.

Art. 4º - O serviço para doenças mentais agudas que se fará no atual Hospital de Doenças Nervosas e Mentais destina-se ao internamento, obedecidas as formalidades exigidas pela legislação federal, dos psicopatas alienados, dos toxicômanos e dos epiléticos com manifestações psíquicas, perigosos para a sociedade.

Art. 5º - A assistência aos doentes mentais crônicos será feita em colônia de alienados onde os doentes possam aproveitar os benefícios do trabalho.

Art. 6º - Para o manicômio judiciário serão encaminhados todos os criminosos alienados, bem assim os que, declarados irresponsáveis por alienação mental, devam ficar segregados da sociedade e os acusados que tiverem de ser submetidos à observação e perícia.

Art. 7º - À secção de higiene mental cabe, além do esclarecimento e da educação do público sobre a natureza, a causa e a curabilidade das doenças mentais e meios de evitá-las, fazer a prevenção dos psicopatas colaborando com os serviços de higiene pré-natal, maternidade, médico-escolar, de profilaxia de Sífilis, higiene industrial e profissional.

Parág. Único - Para orientação de sua atividade a secção de higiene mental organizará a estatística geral dos serviços de Assistência a Psicopatas, de modo a ficar conhecendo as causas mais freqüentes de doenças mentais em nosso meio.

Art. 8º — O atual Instituto de Seleção e Orientação Profissional fica subordinado à Assistência a Psicopatas com sua primitiva designação de Instituto de Psicologia.

Parág. Único — Nele se farão todas as pesquisas psicológicas para o diagnóstico das doenças mentais, para o conhecimento da mentalidade de nossa gente, diagnóstico de aptidões para a orientação profissional, além das que lhe forem solicitadas pelas autoridades do ensino.

Art. 9º - No atual Hospital de Doenças Nervosas e Mentais ficarão centralizados todos serviços auxiliares da Assistência a Psicopatas.

Art. 10º - A Assistência a Psicopatas será dirigida por um especialista de notória competência que será ao mesmo tempo diretor do atual Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, cabendo-lhe a orientação clínica e administrativa de todos os serviços.

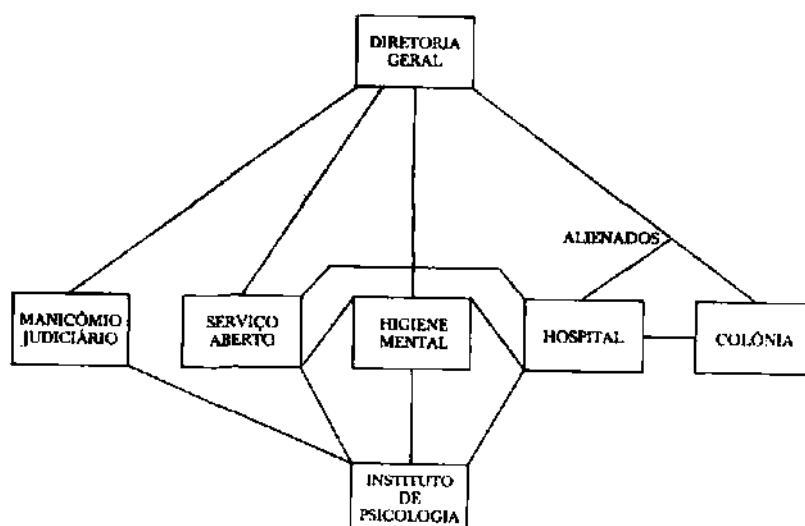
Art. 11º - Para execução deste decreto ficam transferidas do Departamento de Saúde e Assistência e da Instrução Pública para a rubrica da Assistência a Psicopatas as dotações orçamentárias referentes ao Hospital de Doenças Nervosas e Mentais e ao Instituto de Seleção e Orientação Profissional.

Art. 12º — O Governo providenciará a regulamentação dos serviços da assistência a psicopatas.

Palácio da Presidência, 10 de janeiro de 1931.

(aa) Carlos de Lima Cavalcanti.  
Arthur de Sousa Marinho."

E para a visualização e inter-relacionamento dos vários setores, o próprio Ulisses elaborou o seguinte organograma (Pernambuco, 1932, p.l 1, reprodução literal):



Criado o Serviço de Assistência a Psicopatas, tratou-se logo de regulamentá-lo. Com efeito, pelo Ato nº 583, de 24 de abril de 1931 (D.O. de 15 de abril de 1931), foi efetuada a sua meticulosa regulamentação. Nela foram previstas sua constituição, seu pessoal, sistema de nomeação, direitos e deveres, penas disciplinares, competências orgânicas, tipos de atendimento, etc. Para se dar uma idéia da meticulosidade da regulamentação, transcreve-se o Art. 42: "A roupa dos enfermos pensionistas poderá ser lavada em casa de suas famílias. Quando for no estabelecimento pagarão, mensalmente, os pensionistas de 1.<sup>a</sup> classe 20 \$000, de 2.<sup>a</sup> classe 10 \$000, os de 3.<sup>a</sup> classe 6 \$000 e os de 4.<sup>a</sup> classe 4 \$000".

A implementação de tão ambicioso e metuculoso plano representou uma verdadeira revolução no atendimento aos doentes mentais do Estado. Foi esta época (1931 -1935) o período mais fecundo da vida de Ulisses. Aglutinando uma plêiade de jovens brilhantes, deu um passo decisivo no que se convencionou chamar a Escola Psiquiátrica do Recife.

São seus auxiliares diretos: doutor Alcides Codeceira, na direção do Manicômio Judiciário; professor Costa Pinto e logo a seguir o doutor José Lucena, no Serviço de Higiene Mental; doutor Vicente Matos, na Colônia de Doentes Crônicos; o doutor Gildo Neto, que fora o primeiro interno da Tamarineira, ficou responsável pelo Serviço Aberto. Este grupo de diretores, secundados por seus respecti-

vos auxiliares, deram impulso e implementaram a mais profunda reforma já empreendida no Estado.

No contexto, merecem destaque: 1) a utilização em larga escala da laborterapia (hoje terapêutica ocupacional), sobretudo na agricultura e oficinas. "Na Colônia Agrícola conseguimos fazer trabalhar mais de 80% dos doentes internados..." (Pernambucano, 1932, p.7) cujos rendimentos financeiros eram reinvestidos na melhoria do próprio hospital, e 2) a criação do primeiro serviço oficial e público de higiene mental do Brasil, com a preocupação básica de Ulisses em "dar-lhe orientação científica, de acordo com os problemas regionais" (Pernambucano, 1932, p.47). Além do trabalho desenvolvido por seus técnicos no estudo e pesquisa da área, o Serviço de Higiene Mental cuidava em divulgar e orientar a população através de "publicações em jornais profanos, palestras pelo rádio e avulsos distribuídos" (Pernambucano, 1933, p.210).

Sobre este conjunto de idéias e realizações - Assistência a Psicopatas de Pernambuco: 1931-1935 -, depõe um metódico e criterioso historiador da Medicina no Nordeste: "...foi a maior realização de Ulisses. O que executou foi uma verdadeira revolução. Debaixo do ponto de vista científico, o plano de assistência aos doentes mentais por ele idealizado e realizado foi o melhor e mais perfeito de quantos tem sido executados no Brasil" (Coelho Filho, 1953, p.426).

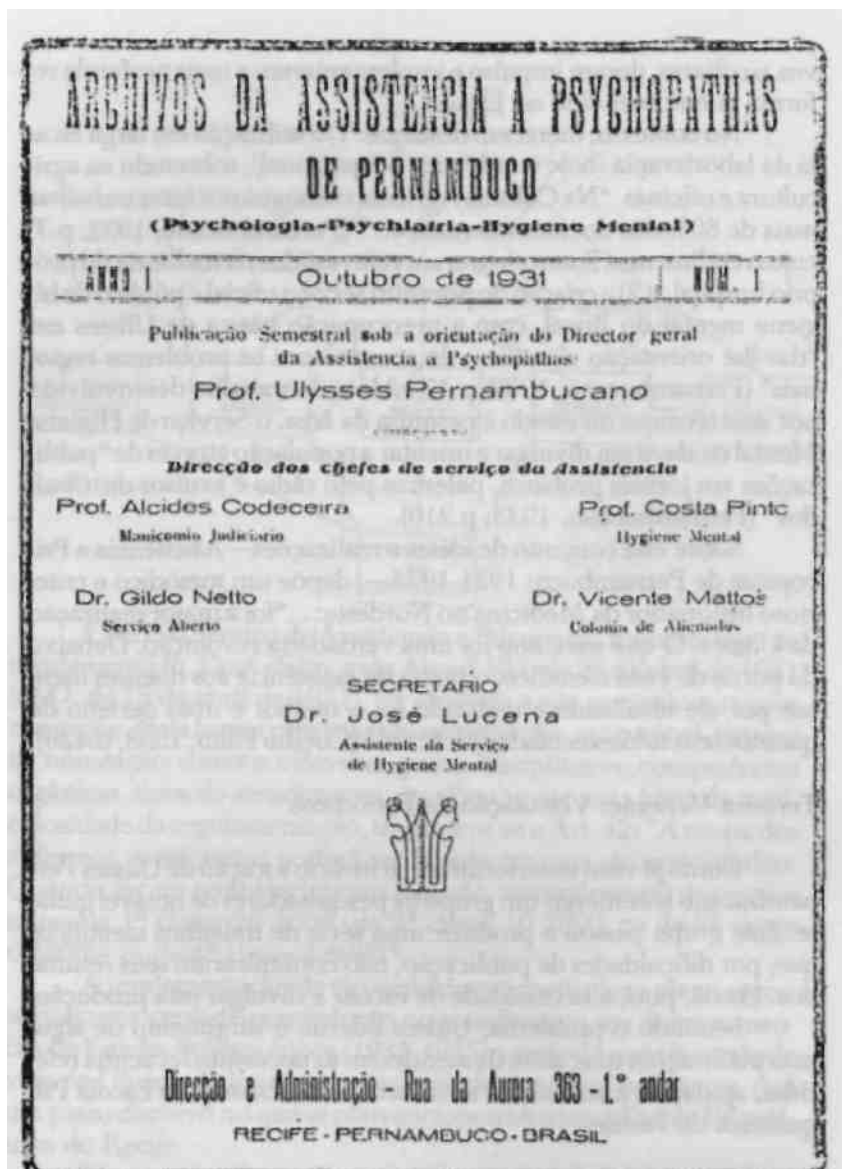
#### Terceira Vertente: Veiculação de Periódicos

Como já visto anteriormente, o ideário e a ação de Ulisses Pernambucano fez emergir um grupo de pesquisadores de notável quilate. Este grupo passou a produzir uma série de trabalhos científicos que, por dificuldades de publicação, não comunicaram seus resultados. Havia, pois, a necessidade de escoar e divulgar esta produção.

Sentindo o problema, Ulisses liderou o surgimento de algumas publicações que, além de atenderem às necessidades acima referidas, ajudaram a consolidar as características básicas da Escola Psiquiátrica do Recife.

##### **a) Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**

O número 1 foi lançado em outubro de 1931 como uma publicação semestral, sendo o diretor geral o professor Ulisses Pernambucano e secretário o doutor José Lucena. A direção e a administração



**Archivos da Assistência a Psychopathas de Pernambuco.** Fundado por Ulysses Pernambucano no contexto da profunda reforma empreendida na assistência aos doentes mentais do Estado (1931), foi um importante veículo na publicação de trabalhos científicos do que se convencionou chamar A Escola Psiquiátrica do Recife. (Foto: Eliane Velozo.)

da revista passaram a funcionar nas próprias instalações administrativas da Assistência: Rua da Aurora, 363 - 1º andar.

A introdução deste primeiro número explicita o objetivo do periódico: "Autorizando a publicação dos Arquivos da Assistência a Psicopatas, de que cogita o Art. nº 63 do Regulamento, o governo de Pernambuco quis dar ensejo aos que trabalham nos diversos departamentos da referida Assistência, de divulgarem suas pesquisas".

A orientação dada à revista era de "...apresentar, de preferência, trabalhos originais, de cunho prático e com larga experimentação" (Pernambucano, 1932, p.57). Em seu primeiro número, com 129 páginas, os **Arquivos** publicaram os seguintes trabalhos: **O Vocabulário das Crianças das Escolas Primárias do Recife** - Ulisses Pernambucano e Anita Paes Barreto; **O Teste A Bola e o Campo em Crianças de 12 a 13 anos** - Ulisses Pernambucano e Alda Campos; **O Desenho como meio de Pesquisa** - Silvio Rabelo; **Teste Ilustrado de Ballard** - Maria da Graça Araújo; **Quocientes de Inteligência em Escolares do Recife** - Ulisses Pernambucano e Maria Leopoldina de Oliveira; **Ensaio de Aplicação de Testes Pedagógicos** - Anita Paes Barreto e Anita Pereira da Costa;

**Teste de Vocabulário e Inteligência do Dr. Simon** - Quitéria Cordeiro;

**Nova Concepção sobre o Psiquismo Humano** - Gildo Neto; **A Psicologia de Criança de Idade Pré-escolar** - Adalberto Cavalcanti;

**Síndrome de Korsakoff** - Alcides Codeceira; **Malaríoterapia na Paralisia Geral** - Ulisses Pernambucano, Gildo Neto e Alcides Benício;

**Algumas Considerações sobre o Emprego da Estriquinina por via Intravenosa nas Psicoses Hetero-tóxicas** - Adalberto Cavalcanti;

**Psicopatia e Criminalidade (duas observações de psicopatas com reações violentas)** - Benjamim Vasconcelos; **Perícia** - Gildo Neto;

**Abcesso de Fixação na Prática Psiquiátrica** - Ladislau Porto; **Assistência a Psicopatas** - Comunicado da Diretoria Geral.

Com o passar do tempo, os **Arquivos** se tomaram, por excelência, o veículo onde se publicava a produção intelectual do emergente grupo da Escola Psiquiátrica do Recife. Após o afastamento,

em 1935, de Ulisses Pernambucano da direção geral da Assistência a Psicopatas, o período definhou, acabando por encerrar a sua circulação.

#### b) **Boletim de Higiene Mental**

Editado pela Diretoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, tinha uma periodicidade mensal; e seu primeiro número, com uma tiragem de 2000 exemplares, foi lançado em dezembro de 1933. A distribuição era gratuita.

Sempre com a disposição gráfica de quatro páginas, tamanho ofício, pretendia ser o elo de ligação entre as atividades do Setor de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas e o grande público. E, para aumentar o seu "poder de fogo", era sempre distribuído junto aos jornais e rádios locais.

Abordava variados assuntos, quase todos de caráter formativo e noticioso. Em seu primeiro número, enfocou os seguintes títulos:

**Cuidados de Higiene Mental Individual; Horário Escolar; Doenças Mentais na Criança; Combate ao Suicídio; Cinema Infantil; Doenças Mentais: sua Causa e Prevenção; Escolha de Profissão; Religiões do Recife; Maus Hábitos na infância; Noticiário.**

Após mais de uma década de funcionamento regular (1933-1947), foram crescendo as dificuldades de veiculação, terminando por cessar suas atividades.

Digno de registro é o **Aviso** contido na edição de julho de 1934, ano 2, número 7, p.4:

"ESTE NÚMERO DO BOLETIM DE HIGIENE MENTAL FOI IMPRESSO POR DOENTES MENTAIS. Com este número, o Boletim de Higiene Mental passa a ser impresso nas oficinas gráficas da Assistência a Psicopatas. Oficinas onde doentes mentais trabalham e apresentam o que se vê. Trabalham sob uma orientação rigorosamente científica; trabalho que é tratamento dosado, sem riscos de acidentes, provando que o doente mental pode ser útil à coletividade, quando entregue à ocupação que lhe seja adequada, debaixo da supervisão médica."

#### c) **Neurobiologia**

Revista trimestral, lançada em junho de 1938, como Órgão Oficial da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do

# BOLETIM DE HIGIENE MENTAL

EDITADO PELA DIRETORIA DE HIGIENE MENTAL DA ASSISTÊNCIA A PSICOPATA

NUMERO I

RECIFE, DEZEMBRO  
DE 1933

ANO I

A IDÉIA de serem incuráveis e inevitáveis as doenças mentais tem fundas raízes na alma coletiva: tais enfermos despertam na maioria das pessoas os sentimentos de tremor e compaixão que provocam 'os casos sem remédios'. E no entanto não são as afecções mentais são curáveis como sua prevenção tem obtido significativos êxitos por toda parte onde vem sendo tentada.

A Higiene Mental, de que este Boletim visa difundir os rudimentos possui uma técnica própria: si alguns de seus métodos são os mesmos da higiene geral, outros ao contrario lhe são privativos. A alguns leitores de causar estranheza verificar como algumas de nossas atividades que suspeitavamos não ser possível regular cientificamente e que exerciamos sem orientação de espécie alguma, podem no entanto resultar infinitamente mais proficuas ou menos nocivas quando são utilizados os metodos que a higiene mental aconselha. Basta lembrar aqui o problema escolha de profissão ou outro que a psicologia permite resolver cientificamente.

Nossa publicação dirá a seus leitores dar aquisições que já se fizeram neste terreno, mas não se limitará esta função informativa pois aspira principalmente obter que sejam postos em pratica individualmente os preceitos que a higiene mental preconisa. Isto deverá implicar para muitos numa modificação radical de attitude e habitos mentais e ate que ponto ela poderá ser proditiva e significar uma verdadeira renovação di-lo experiencia de todos os dias condensadas nas palavras de Clifford Beers 'espíritos que se encontraram a si mesma'.

Suscitar portanto o interesse pelas questões de profilaxia mental remover os embaraços que a qualquer novo empreendimento sabe crear o ceticismo misotheista obter para a proteção da saude psiquica a cooperação das boas vontades dispersas, eis o programa que conseguirá com a necessária continuidade o BOLETIM DE HIGIENE MENTAL.

Cuidados de higiene mental individual

Foi por terem sido posta em pratica individualmente que os preceitos de higiene geral conseguira resultados que a nossos antepassados haveriam de parecer verossímeis. Simples precauções, às vezes banais cuidados de asseio fizeram para a extinção de certas epidemias e endemias de trágicos defeitos. tanto ou mais do que os aperfeiçoados meios de ataque de que dispõem as organizações sanitárias. Postos em pratica desde os mais ten-sos anos, incorporados pela repetição continuada a nossos automatismos, esses cuidados higiênicos perdem o seu caracter de imposição não mais cabe as nossas funções mentais superiores velar pelo seu cumprimento: o automatismo realizar-as com a desejada eficiência. Quando entre nos os preceitos de higiene mental começam a ser

Horário Escolar

Os educadores os organizadores de programs para a infancia devem ter o máximo cuidado em não exi-gir da criança um esforço superior a sua possibilidades que acarreta o esgotamento , a surmenage em breve; prazo

O cansaço intelectual da criança se traduz por pe-quenos sinais que é necessários saber compreender falta de attenção - ( que representa um verdadeiro mecanismo da defesa) astenia apatia ou então turbulência as vezes dores de cabeça insonia perturbação digestiva

Os programas sobrecarregam com a má distribuição tempo, o ensino pouco atraente ou demasiado abstrato ect., podem se culpados do aparecimento desses sintomas e os modernos pedagogos deverão saber evita-los

O horário de aulas não deve ser prolongado em demasia: exigir das crianças que trabalhem o mesmo tem-po que seus colegas das ultimas classes representa uma grave infração aos preceitos de higiene escolar

Visando orientar os mestres, a Academia de Medici-na de Paris propôs há alguns anos que o horário de aulas, nas varias idades fosse assim distribuido

|                       |               |
|-----------------------|---------------|
| Criança de 6 a 7 anos | - 2 horas     |
| " " 8" 9 "            | - 3 horas     |
| " " 10 11 "           | - 4 horas     |
| " " 11 " 14 "         | - 5 horas     |
| " " 15 anos           | - 6 horas     |
| A partir de 16 anos   | - 7 a 8 horas |

ditundidos, a criação de habiros mentais sadios deve constituir uma preocupação de medicos e educadores urge aproveitar aquela fase de nossa evolução-( a infancia )-em que é tão fácil o aprendizado ativo: então é possível uma economia psicologia que nos valerá a aqui. posição de muitos mecanismos úteis

Não é aqui o local 'para repetir que uma numerosa parte da humanidade vive contra as regras de higiene psiquica: vamos esperar que as gerações novas, cheguem a atividade social, já integradas. Insensivelmente em há-bitos mentais que os adultos de hoje, menos felizes os conseguem adquirir depois de uma reeducação difficil perseverante

**Boletim de Higiene Mental.** Publicação mensal, com quatro páginas e distribuição gratuita, representava o elo de ligação entre o Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas e o grande público. Fundado em 1933, foi editado regularmente durante vários anos. (Foto: Eliane Velozo.)

Nordeste Brasileiro. Sua equipe técnica estava assim constituída: fundador e diretor geral, professor Ulisses Pernambucano; diretor-gerente, doutor Alcides Benício e secretário, doutor René Ribeiro. Com 144 páginas, o nº 1 veiculou os seguintes trabalhos: **Recursos Modernos de Assistência aos Doentes Mentais** - Ulisses Pernambucano;

# NEUROBIOLOGIA

Orgão oficial da Sociedade de Psiquiatria. Neurologia • Higiene  
Mental do Nordeste Brasileiro

|                   |                            |
|-------------------|----------------------------|
| DIRETOR           | Prof. Ulysses Pernambucano |
| DIRETOR - GERENTE | Dr. Alcides Benício        |
| SECRETARIO        | Dr. Rene Ribeiro           |

Tomo I - N.º 1  
Junho - 1938 -

Caixa Postal 651  
RECIFE - PERNAMBUCO  
B R A S I L

Neurobiologia. Outra importante publicação fundada pelo professor Ulisses Pernambucano em 1938. Tem se caracterizado pela veiculação de trabalhos científicos inéditos. Hoje, 52 anos depois, continua em circulação. (Foto: Eliane Vellozo.)

**Estudo Estatístico sobre a Psicose de Involução** -Jarbas Pernambucano;

**O Teste de Rorschach em Epilépticos** - J.C. Cavalcanti Borges;

**Atrofias Musculares Localizadas Aparecendo no Decurso da**

**Paralisia Geral** -José Lucena e Antônio Couceiro; **Novos**

**Conceitos sobre a Doença de Heine Medin ou Paralisia Infantil**

—J. Robalinho Cavalcanti;

**Estudo de um Tipo de Cidade: O malandro** - Nelson Pires; **Um Inquérito entre os Estudantes que freqüentam Serviços**

**Médicos no Recife** - Luiz Cerqueira;

**Estudo de um Grupo de Menores Delinqüentes** - René Ribeiro;

**Diabete Insípido: Conceito, Etiopatogenia e Tratamento** -

Nelson Chaves;

**A Nova Reação de Classificação de Meinicke (M K RII) no Lí-**

**quido Céfal** - Raquidiano - Oswaldo Lange; **Considerações em**

**torno de 5 Casos de Meningite Pneumocóci-ca-** Alcides Benício.

Completava a edição um **Obituário** e **19 Análises Bibliográficas** (recensões) sobre lançamentos de títulos recentes.

Hoje, 52 anos após a sua fundação, a revista **Neurobiologia** continua em circulação. Nesse período, tem prestado uma expressiva contribuição na veiculação de trabalhos científicos locais, notadamente nas áreas de Neuropsiquiatria e Psicologia.

Quarta Vertente: Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro

Sob a inspiração do professor Ulisses Pernambucano, foi fundada em 13 de maio de 1938 a Sociedade acima titulada, que pode ser considerada como o elo de amarração da Escola Psiquiátrica do Recife. Isto porque representava não apenas a aglutinação de forças no âmbito da Neuro-Higiene-Psiquiatria conduzidas por Ulisses, mas significava, também, a divulgação, a discussão e a irradiação de seus pressupostos, teóricos e práticos, além-fronteiras.

A fundação e primeira reunião científica da Sociedade foi realizada em João Pessoa, Estado da Paraíba; e na sessão de 14 de maio de 1938 foram aprovados os seus Estatutos. Face aos seus aspectos de concisão e clara explicitação de seus objetivos e funcionamento, vale a pena conhecê-los em seu inteiro teor (**Neurobiologia**, v.I, n.2, p.255-256, set. 1938).

"Art. I — Fica fundada a Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro cuja finalidade será promover o maior contacto entre os médicos que se dedicam à neuropsiquiatria e congregar em torno do movimento pró-higiene mental os elementos mais destacados de todos os setores da atividade humana que tenham boa vontade e espírito de colaboração.

Art. II - Para cumprir essa finalidade a Sociedade aceitará como sócios não somente médicos, mas advogados, comerciantes, industriais, etc, que queiram cooperar na execução do seu programa.

Art. III - Atualmente será realizada uma reunião da Sociedade em um dos estados nordestinos, escolhendo-se com anterioridade o local e data, bem como os temas a serem apresentados e discutidos e os respectivos relatores. Além dos temas oficiais a Sociedade aceitará e discutirá os trabalhos científicos apresentados por seus membros. Os títulos das comunicações a serem feitas nas reuniões anuais deverão ser enviadas à Secretaria até o prazo máximo de um mês anteriormente à realização do certame.

Art IV - Terá a Sociedade 1 presidente, 1 secretário geral e 1 representante de cada Estado do Nordeste que constituirão a Diretoria.

Art. V - Cada Diretoria será eleita por um ano, procedendo-se a eleição na última sessão de cada certame anual.

Art. VI - Atribuições da Diretoria: a) caberá à Presidência orientar as atividades da Sociedade e representá-la oficialmente; b) à Secretaria-Geral compete coordenar essas atividades, manter a correspondência, convocar as reuniões anuais, preparar o expediente e tomar as demais providências inerentes às funções próprias da Secretaria; c) aos Representantes de cada Estado compete o emprego dos esforços nas unidades respectivas no sentido de ampliar a ação da Sociedade promovendo adesões e velando pelos interesses da mesma. Cabe ainda a estes todas as providências destinadas a garantir o êxito das reuniões anuais, uma vez escolhido o seu Estado para tal.

Art. VII - Será órgão oficial da Sociedade a revista trimestral

NEUROBIOLOGIA, constituindo a assinatura da mesma a contribuição obrigatória de cada sócio.

Art. VIII - A Diretoria fica autorizada a resolver os casos omissos nos presentes Estatutos."

A segunda Reunião foi realizada em Aracaju, Sergipe, no período de 20 a 25 de outubro de 1940, já com a denominação de Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro.

"O certame foi coroado do maior êxito científico e social", conforme atesta o relatório do evento (**Neurobiologia**, v.3, n.4, p.561, 1940). Com efeito, participaram representantes de seis estados nordestinos (CE, RN, PB, PE, AL, SE), sendo a sessão inaugural presidida pelo interventor federal do Estado sede, doutor Eronides de Carvalho. Completou esta sessão uma conferência do sociólogo Gilberto Freyre sobre o tema **Sociologia, Psicologia e Psiquiatria**, o que mostra, mais uma vez, a preocupação interdisciplinar da Escola.

Foram apresentadas dezenas de trabalhos científicos, alguns com ênfase predominantemente nordestina, aglutinados nas seguintes áreas: Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental. Parte desse material encontra-se publicado na revista **Neurobiologia**.

O terceiro Congresso teve como sede a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Realizado de 12 a 16 de outubro de 1943 — pouco mais de um mês depois ocorreria a prematura morte de Ulisses Pernambucano - foi o encontro mais amplo e significativo da Sociedade.

Além da participação dos estados nordestinos, o Congresso de Natal contou com a presença de representantes do Serviço Nacional de Doenças Mentais e da Liga Brasileira de Higiene Mental. A sessão inaugural foi presidida pelo interventor federal, Antônio Fernandes Dantas, com palestras de Ulisses Pernambucano e do renomado folclorista potiguar Câmara Cascudo.

Como nos congressos anteriores, foram apresentadas dezenas de trabalhos científicos, parte dos quais publicada na revista **Neurobiologia**. O Congresso de Natal é comumente referido pela ocorrência de dois fatos expressivos: 1) a última alocução em reunião científica do professor Ulisses, que abordou o tema **A Ação Social do Psiquiatra**, considerado o seu "canto de cisne" pelo seu elevado sentido ético e de responsabilidade social; 2) é neste Congresso que a nordeste-

tina e há cinco anos atrás tateante sociedade científica se amplia e se torna "brasileira".

Com efeito, por proposta acompanhada de exposição de motivos do doutor Garcia Moreno, são ampliados e revistos os Estatutos originais da Sociedade. Antes com oito artigos, agora com vinte e um, os novos Estatutos aprovados pela Sociedade em seu Congresso de Natal, assim se caracterizam em seu primeiro artigo (**Neurobiologia**, v.7, n.1/2, p.93, jan./jun. 1944):

"Art. 1º - A 'Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste' fundada em 13 de maio de 1938, na cidade de João Pessoa, Paraíba do Norte, passa a denominar-se, conforme resolução aprovada no Congresso de Natal, 'Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil'. Esta Sociedade visa promover um contacto mais estreito e maior intercâmbio entre todos os brasileiros que se interessam pelos problemas de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, bem como difundir um melhor conhecimento dessas disciplinas e propugnar pela aplicação prática das mesmas em benefício do bem-estar dos indivíduos e da sociedade." Com a morte de Ulisses Pernambucano, ocorrida um mês e meio após o Congresso de Natal, a Sociedade viveu momentos de ostracismo, depois superados pela atuação de seus amigos, discípulos e colaboradores.

A Escola Psiquiátrica do Recife resultou, pois, de uma "confluência de influências". Rimas à parte, em todas se constata como fio condutor o idealismo e a atuação marcante do Mestre Ulisses. Certamente, outras influências ocorreram, mas a atuação docente de Ulisses Pernambucano, a criação e implantação de uma modelar Assistência a Psicopatas em Pernambuco, a criação e edição de revistas e periódicos especializados e a fundação e funcionamento da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro foram vertentes decisivas para a caracterização do que se convencionou chamar a Escola Psiquiátrica do Recife.

O doutor José Lucena, psiquiatra, pesquisador e homem de cultura do mais alto quilate, vivenciou e colaborou decisivamente em sua implantação. Fez parte do grupo pioneiro atuando, principalmente, no Serviço de Higiene Mental. Em dois trabalhos significativos (Lucena, 1937; 1978), aborda, com pertinência, o tema. Para José Lucena (1937, p.21-25) são estas as características principais da Escola Psiquiátrica do Recife.

a) A Psiquiatria não é apenas uma simples clínica mental. É uma integração de diferentes ciências do homem. "Tao claramente definida aparece essa tendência integradora, unificadora, sintética, que um observador, à cata dos atributos da Escola, pode utilizar como seus documentos perfeitamente típicos, não só trabalhos de psiquiatras como de trabalhadores sociais ou psicólogos" (p.22).

b) A temática social e a preocupação com os interesses comunitários. "É evidente que a interrogação suscitadora da pesquisa (pesquisa, repetimos, tipicamente psiquiátrica na essência e na forma) foi em muitos casos formulada dum ponto de vista sociológico" (p.22). Exemplos: estudos psicopatológicos de delinqüentes, médiuns, fanáticos, etc.

c) A ênfase no estudo de realidades tipicamente locais, regionais. "E é talvez por estimarmos devidamente os nossos fatos que não existe na Escola a preocupação de que seus temas de pesquisa sejam os mesmos de Paris ou Berlim ou que sejam abordados simultaneamente com estes últimos. O espírito de continuidade de nossos trabalhos conduz a utilizarmos os processos, enquanto derem soluções para nossos problemas..." (p.25).

Estas são, pois, na arguta análise do doutor José Lucena, as características essenciais da Escola Psiquiátrica do Recife. Concluindo o seu trabalho, depõe: "Hoje, se, neste terreno, cada um de nós sabe o que quer, deve a Ulisses Pernambucano tal resultado" (Lucena, 1937, p.25).

## O ocaso do Mestre

"Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo amigo é a véspera do esgarço,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja."

(Augusto dos Anjos, **Versos íntimos**,  
3ª estrofe, 1982, p.6.5)

A marcante atuação de Ulisses Pernambucano em defesa de minorias marginalizadas da sociedade - crianças excepcionais, doentes mentais, negros, adeptos de seitas africanas - produziu desinteressadas colaborações, também acirradas inimizades.

No contexto das seitas africanas, por exemplo, incentivou o seu estudo e a sua pesquisa; lutou por sua "descriminalização"; reuniu na Assistência a Psicopatas babalorixás e presidentes de seitas pa-, ra encaminharem uma luta por uma existência legal; participou e colaborou para a realização do 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife (Cavalcanti, 1937). Este encontro, realizado em 1934, primou pelo inusitado. O seu idealizador, antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre, faz um brilhante relato do evento, situando nele a participação de Ulisses:

"O 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife foi o menos solene dos Congressos. Nele não brilhou um colarinho duro. Não apareceu um fraque. Não trovejou um tribuno. Não houve um só discurso em voz tremida. Foi tudo simples e em voz de conversa.

Entretanto, quando se encerrou o Congresso, no mesmo velho teatro — o Santa Isabel, do qual disse Joaquim Nabuco 'aqui vencemos a batalha da abolição'<sup>1</sup> -, sentiu-se que se definira um movimento da maior importância para a vida e para a cultura do Brasil.



1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, em 1934. Idealizado por Gilberto Freyre e apoiado pelo professor Ulisses Pernambucano, que foi seu "presidente de honra". (Foto: Arquivos da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco.)

A técnica do Congresso foi inteiramente nova. Não só nenhuma pompa como quase nenhuma burocracia. Sentaram-se em volta da velha mesa, na cabeceira da qual se sucederam os presidentes, conforme o assunto do dia, não só doutores, com grande erudição de gabinete e de laboratório, como babalorixás gordas, cozinheiras velhas, pretas de fogareiro, que trouxeram do fundo de cozinhas de mucambos receitas de quitutes afro-brasileiros quase ignorados; negros de engenho como o Jovino, cujo trabalho cheio de erros de português e de saudades do tempo das almanjarras saiu no primeiro volume de Estudos; babalorixás como Pai Anselmo; rainhas de maracatu como Albertina de Fleury, cujo nome pareceu a José Lins do Rego, de heroína de romance de Proust; outros analfabetos e semi-analfabetos inteligentes, com um conhecimento direto de assuntos afro-brasileiros, de que muito se aproveitou o Congresso; estudantes de Direito, de Engenharia e de Medicina, um deles Jarbas Pernambucano, que apresentou curiosa re-

portagem sobre os maconheiros do Recife - os adolescentes pobres e as mulheres da vida que fumam maconha para sonhar com moças bonitas e palácios encantados; velhos como Rodrigues de Carvalho, que não faltou a uma sessão, animando a todos com a sua velhice satisfeita de patriarca nortista, e cuja morte, agora, no Recife, vem trazer uma nota de grande tristeza 'para estas páginas'; íntimos conhecedores da técnica da macumba como Nóbrega da Cunha; psiquiatras do valor e do relevo de Ulisses Pernambucano - aclamado com toda a justiça, presidente de honra..." (Freyre, 1937, p.348-349). E essa luta de Ulisses travada em nova frente de batalha foi vitoriosa. Como registra o mesmo Gilberto Freyre em sua monumental obra **Casa Grande e Senzala**, foi, em parte, graças a ela que "...a polícia de Pernambuco reconheceu de 1930 a 1935 como seitas religiosas as associações de negros indistintamente classificadas como 'catimbó' e injustamente perseguidas pelos delegados e subdelegados" (Freyre, 1970, v.2, p.521). A sua intransigente e continuada defesa de minorias e de desassistidos sociais foi, pouco a pouco, gerando conflitos e áreas de atrito. Sem falar na pura inveja que sua liderança de mestre despertara... A nível oficial, os incidentes se avolumavam. Em outubro de 1935, morre Gildo Neto, com apenas 30 anos (Coelho Filho, 1953), discípulo predileto de Ulisses e seu continuador natural. Esta morte, ocorrida em condições trágicas (suicídio) abala profundamente o dedicado professor.

A Assistência a Psicopatas enfrenta graves dificuldades financeiras. O professor Luiz Cerqueira (1978), colaborador de Ulisses nesses ásperos tempos, relata um episódio ocorrido com uma autoridade local que insistia no internamento de mais pacientes na Tamarineira. O diretor da Assistência a Psicopatas reage contra o "amontoamento" e exige mais verbas para oferecer um atendimento condigno. A autoridade insiste:

"— Onde comem dois, comem três.

- Onde comem dois, três passam fome" é a resposta de Ulisses. (Cerqueira, 1978, p.64).

Tal "insolência" lhe custou a retaliativa retenção das verbas. Ulisses chegara a seu limite. E em 8 de novembro de 1935 pede demissão do cargo de diretor da extraordinária instituição que implantara.

Poucas semanas após (27 de novembro de 1935), eclode em

alguns pontos do País a denominada Intentona Comunista. Recife é um dos focos do levante. A tensão política se agrava. A partir de então, o Congresso aprova o estado de sítio e, posteriormente, o estado de guerra, que é prorrogado a pedido do executivo federal até o Golpe de 1937, que marcou o início do Estado Novo. Nesse ínterim, desencadeia-se uma grande perseguição aos comunistas, militantes ou supostos (Pandolfi, 1984).

Com muitos inimigos à sua volta, alguns em cargos influentes no Estado, o cerco a Ulisses se estreita. Como assinala Paulo Rosas (1985, p.29-30) "por sua competência, seu prestígio, sua produção intelectual, sua ação administrativa, sua independência de pensamento, sua defesa de minorias, de uma sociedade mais justa...", torna-se um homem incômodo ao regime de força então vigente.

Seus adversários aproveitam-se do momento propício e o denunciam como "comunista", "subversivo". É sumariamente detido e conduzido para a Secretaria de Ordem Pública, situada à Rua da Aurora, mais tarde apelidada ironicamente de Sorbone da Rua da Aurora, tal a quantidade de intelectuais nela detidos. Sua prisão, por 60 dias, se dá na abjeta e temida Casa de Detenção do Recife.

Por diversas vezes foi intimado a depor. Numa delas, conforme descreveu o próprio Ulisses ao doutor Luiz Cerqueira, foi interrogado por um jovem delegado:

"- E verdade que o Sr. prega idéias subversivas a seus alunos?"

A resposta do professor Ulisses é contundente: "- O Sr. é que pode responder, pois foi meu aluno no Ginásio." (Cerqueira, 1978, p.48).

Seu primo e amigo Gilberto Freyre atribui à pura inveja essa sistemática perseguição. Afinal, Ulisses "tinha automóvel - e automóvel bom -, vantagem que alguns ricos consideravam exclusividade sua"; eles queriam vê-lo "de botinas cambadas e de roupas sovadas, farejando restos de comida nas cozinhas dos palacetes e visitando seus clientes a pé" (Freyre, 1966, p.18). E o mais doloroso: dentre os seus detratores alguns tidos como "amigos" havia poucos anos atrás... "A mão que afaga é a mesma que apedreja..."

O fato é que as injúrias assacadas contra si e contra a sua obra e as perseguições e as detenções a que se viu compelido a enfrentar acabaram por lhe trazer transtornos físicos e psicológicos. Já em 1936, no meio dessas vicissitudes, sofre agudo ataque cardíaco. O doutor Edgar Altino, que o assistiu, assim o descreve: "Súbito e violentamente irrompera o mal! Revejo ainda seu corpo agonizante. Ex-

tremamente pálido. Sem pulso radial. Mal pudera dizer-me da dor te-rebrante que lhe partia o peito e que ele e eu pensávamos o iria ma-tar(...) fora-se a morte tétrica e ameaçadora, deixando-o vivo, mas le-sado para sempre no coração e em sua alma de lutador..." (Altino, 1945, p.236).

Mas, se os "amigos de ocasião" se foram, restou o apoio de um fiel grupo de colaboradores, os quais, enfrentando o poder discricionário e repressivo então vigente, se solidarizam publicamente com o notável mestre e publicam, em 1937, os **Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulisses Pernambucano**, hoje referência obrigatória de consulta para melhor compreensão de sua vida e sua obra.

E exatamente nesta antologia de depoimentos que se vê a perplexidade do notável escritor regionalista José Lins do Rego: "Um homem com o temperamento desprendido, com a qualidade e a importância de sua obra estaria hoje, em qualquer país civilizado, em outra situação. Teria o apoio dos governos e o respeito dos homens de todos os credos políticos. No Recife, botaram-no na cadeia como um perigo para a ordem pública." (Rego, 1937, p.8).

Além dessas atribulações, Ulisses passa a ser *persona non grata* para os meios oficiais e aposentado compulsoriamente do ensino público, restando tão-somente o magistério na Faculdade de Medicina, na época, uma instituição particular. Tudo sofre com altivez e dignidade. Ocorre que - em palavras magistrais de Sílvio Rabelo - em Ulisses Pernambucano "o contato com os doentes lhe dera a suficiente tolerância para o convívio dos sãos" (*apud Rocha*, 1978, p.91).

Sitiado pelos meios oficiais e, apesar das amarguras vivenciadas, Ulisses ainda encontra forças para lutar por seus ideais. Assim, em 12 de julho de 1936, funda o Sanatório Recife (Marques de Sa, 1974), instituição modelar de prestação de serviços aos doentes mentais, na Rua do Padre Inglês, nº 257. Surgido no âmbito da iniciativa privada, o primeiro do Estado - nele Ulisses investiu todas as suas economias -, logo se tomou um centro psiquiátrico de reconhecido valor. Mais que simples local de internação de loucos, o Sanatório Recife - conforme publicidade veiculada em diversos números de **Neurobiologia** — oferecia "tratamento de doentes nervosos e mentais, repouso, regimes", através de diversos tipos de tratamento especializado, como malarioterapia, insulino-terapia, convulsoterapia, Psicanálise. Hoje, 54 anos depois, o Sanatório Recife continua a prestar seus serviços!



Da esquerda para a direita: Gilberto Freyre, Olívio Montenegro e Ulisses Pernambucano. Três intelectuais do mais alto quilate no Recife dos anos 30. (Foto: Arquivos da Fototeca da Fundação Joaquim Nabuco.)

A sua vocação docente se fez sentir até mesmo nessa iniciativa: acolheu no hospital muitos de seus discípulos, como Arnaldo Di Lascio, René Ribeiro, Luiz Cerqueira, entre outros, os quais se tomaram posteriormente expoentes na psiquiatria pernambucana. Mais: abriu seu hospital a todos os médicos que quisessem acompanhar o tratamento de seus doentes, conforme explícita comunicação a respeito em diversos números da revista **Neurobiologia**.

A fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste e da revista **Neurobiologia** - ambas em 1938 (vide cap. 7: A Escola Psiquiátrica do Recife) - foram outras iniciativas marcantes da ação de Ulisses durante o período de ostracismo público a que foi injustamente relegado.

A série de injustiças e perseguições desencadeadas deixou seqüelas. Mesmo numa personalidade da tempera do professor Ulisses. Talvez porque uma perseguição seja tanto mais dolorosa, quanto mais injusta e irracional ela se configure. Seqüelas que, provavelmente, anteciparam a sua prematura morte. Este é o ponto de vista de Gilberto Freyre. O "Solitário de Apipucos", em conferência proferida em março de 1944, na Faculdade de Direito de Alagoas, depõe: "Data, como se sabe, da prisão de Ulisses em 1935 na imunda Casa de Detenção do Recife, a doença que o acaba de matar aos cinquenta e poucos anos. Mas sei bem que não contribuiu pouco para esse assassinato lento a aposentadoria de 1937, cínica, fria, traiçoeira..." (Freyre, 1966, p. 16).

Ulisses Pernambucano lutou com bravura e dignidade até o fim. Pouco antes de morrer presidiu em Natal o 3.º Congresso da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. Foi neste Congresso que fez a última alocução pública—**A Ação Social do Psiquiatra** -, um veemente e pungente apelo à responsabilidade social do profissional.

E a 5 de dezembro de 1943, numa ensolarada manhã, no Rio de Janeiro, vem a morte fulminante. "Esse idealista que vivera pelo coração, tombou, afinal, pelo coração." (Altino, 1945, p.237).

Até essa data cumpriu com invulgar dedicação e competência suas funções docentes na Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Recife. De seus discípulos e colaboradores foram tantos os que se dedicaram com brilhantismo ao magistério, que se pode dizer de Ulisses Pernambucano:

Mais que mestre, foi mestre de mestres.

## Produção científica

A produção científica de Ulisses Pernambucano - quando estudada em seu conjunto - é ampla, original e multidisciplinar.

Ampla, pelo volume de trabalhos publicados, principalmente quando se considera que as oportunidades de veiculação numa província brasileira nas décadas de 20 e 30 eram bem mais adversas que as de hoje; original, não só pela abordagem pioneira em nosso meio de determinados temas pouco explorados, mas pela própria metodologia de pesquisa; e multidisciplinar, por abranger, integrativamente, campos variados do saber humano como Medicina, Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia.

O presente levantamento tem um caráter censitário, o que não impede de ter sido excluído algum trabalho decorrente da falta de acesso do autor da presente monografia às fontes dele possuidoras. Tais fontes foram bibliotecas da cidade do Recife (pesquisa pessoal), bibliotecas do País (integrantes do sistema COMUT), documentação de ex-alunos, colaboradores e estudiosos de Ulisses Pernambucano. É oportuno registrar que, em 1975, grande parte dos arquivos e biblioteca da Assistência a Psicopatas de Pernambuco foi destruída por uma catastrófica cheia do Rio Capibaribe que, naquele ano, assolou o Recife.

As publicações estão apresentadas por ordem cronológica, resumidamente, acompanhadas de breves explicitações e observações críticas.

Sobre algumas manifestações nervosas da heredo sífilis Rio de Janeiro: Tipografia da Papelaria Modelo, 1912.

É a tese para obtenção do grau de doutor em Medicina, apresentada em 14 de novembro de 1912 à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dentro da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Doenças Nervo-

sas. A tese foi defendida em 27 de dezembro do mesmo ano e "aprovada com distinção". Tem 132 páginas e contém 72 proposições, como "uma contribuição pessoal ao seu estudo", sobre as diversas cadeiras do curso de ciências médico-cirúrgicas o que, na insuspeita avaliação do doutor João Marques de Sá (1974, p.7), "representa uma produção formidável para um jovem de 20 anos".

**Classificação das crianças anormais: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental.** Recife: Imprensa Industrial, 1918.

Marco histórico da biblioteca brasileira da área. Este trabalho é reconhecido pelo historiador Isaías Pessoti (1984) como o primeiro trabalho nesse campo publicado no Brasil. É uma dissertação de 46 páginas com a qual o autor concorre ao concurso de Professor Catedrático para provimento da cadeira de Psicologia e Pedagogia, recentemente criada, da Escola Normal de Pernambuco. O trabalho aborda: a classificação das crianças anormais; a parada do desenvolvimento intelectual; a psicologia do deficiente mental; o diagnóstico da deficiência, culminando com uma abordagem sobre a educação médico-pedagógica das crianças retardadas. O referencial bibliográfico se compõe de 23 títulos, com forte predominância da literatura médica francesa. São significativas suas observações pessoais feitas ao trabalho nos quais a criança é holisticamente visualizada como uma unidade biopsicossocial.

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (I). **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.17, n.1, p.16-18, jan. 1921.

Com este trabalho Ulisses Pernambucano inicia uma série de artigos enfocando o tema-título. É um estudo de características acadêmicas no âmbito da proeminente escola russa da reflexologia. O autor assim explicita a natureza e o objetivo da série: "O conjunto desses trabalhos se encontra resumido em dois livros recentes. Um é **Psicologia Objetiva** do professor Bechterev, o outro **Mecanismo Cerebral do Pensamento**, de Kostileff. É nosso intuito tomar conhecidas as novas idéias, vulgarizar os fatos de suma importância enunciados pelos sábios russos" (p. 17). Digno de referência é o esforço do autor em propagar, na "província", os significativos avanços da ciência psicológica.

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (II).  
**Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.17, n.2, p.36-38fev. 1921.

Segundo artigo da série. Aqui o autor dá grande ênfase as contribuições de Bechterev (n. 1857 - m. 1927), notadamente a idéia de que a atividade psíquica não pode ser visualizada como algo meramente subjetivo, intangível. Mesmo porque "há uma estreita correlação entre os fenômenos psíquicos e os processos materiais que se passam em certas regiões do cérebro" (p.37).

A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (III).  
**Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v. 17, n.3, p. 111-115, mar. 1921.

Neste terceiro artigo o autor aprofunda o estudo das experiências laboratoriais e idéias de Bechterev. As observações pessoais do autor - tão pródigas noutros trabalhos - são escassas na série de artigos. Talvez para ser fiel ao próprio objetivo explicitado no início. É relevante registrar que a série de três trabalhos não esgotou o tema proposto e o final do artigo III não tem caráter conclusivo. Disto se pode concluir: ou Ulisses Pernambucano não deu seguimento à série ou, se o fez, não foi possível ao autor da presente monografia localizá-la e resgatá-la.

Discurso às professorandas do Colégio Santa Margarida. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v. 18, n. 11, p. 1-7, nov. 1922.

Discurso proferido em 31 de dezembro de 1921, ao paraninfar a turma de professorandas do Colégio Santa Margarida (hoje extinto). E um texto de sete páginas no qual o autor introduz idéias que norteariam sua prática profissional: o compromisso do educador com o educando; a necessidade de uma irrepreensível conduta ética; o amor à pátria; o compromisso do educador com a formação profilaticamente higiênica dos alunos. Mesmo convivendo numa época em que os recursos retóricos e citações eruditas predominavam, o discurso é simples, claro, coloquial, pessoal; contém uma única citação — Binet - referente ao ensino. Uma de suas colocações já revela o amadurecimento do jovem professor: "Nas lides do ensino todo o saber é feito de experiência longa e paciente" (p.2).

**Bases fisiopsicológicas da ambidestria.** Recife: Edição do Autor, 1924.

A abordagem do tema revela a antecipação de Ulisses Pernambucano no estudo da lateralidade manual, só mais tarde brilhantemente desenvolvido por um Ajuriaguerra (1960), um Luria (1979) ou um Zazzo (1960, 1968) e, a nível nacional, por um Romeu Almeida (1965) ou um Battro (1980, 1981). É, também, uma antecipação aos atuais estudos da psicomotricidade. O trabalho de 28 páginas se divide em duas partes: na primeira, faz um retrospecto histórico das diversas teorias da lateralidade manual, culminando por desposar a teoria da dominância hemisférica que, por um processo de decussação nervosa, comandaria o lado oposto do corpo; na segunda parte, trata das aplicações psicopedagógicas da questão. Conclui conclamando que, se "25% pelo menos das atuais profissões pedem o emprego igualmente hábil de ambas as mãos" (p.28), é imperativo que se busque educar a criança desde pequena no treino da ambidestria, respeitados os limites impostos pela fisiologia.

Formação de hábitos sadios nas crianças. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.22, n.12, p.167-171, dez. 1926. Tese originariamente apresentada no 3º Congresso de Higiene realizado em São Paulo. Aborda um dos temas prediletos de Ulisses: a higiene, encarada nos seus aspectos físico e psicológico. Ele fundamenta que os hábitos sadios na criança são formados, basicamente, pela ação educativa da família e da escola. Como essas influências costumam atuar isoladamente, ele propõe uma prática integrativa dessas vertentes através das "professoras visitadoras", por ele pioneiramente introduzidas, na Escola Normal de Pernambuco ao tempo em que era diretor da instituição. As visitadoras representariam a continuação da escola junto à família do aluno, de modo a garantir a "eficácia da educação higiênica" (p. 169).

**As médias de estatura dos escolares em Pernambuco.** Recife: Imprensa Industrial, 1927.

Apesar da "rude tarefa de medir mais de 2.700 crianças" (p.3) empreendidas por duas "senhorinhas" professoras da Escola Normal, o trabalho está bem fundamentado estatisticamente, mas é incipiente do ponto de vista analítico. A população escolar pesquisada era composta de cerca de 2.700 estudantes, de ambos os sexos, pertencentes a 18 estabelecimentos de ensino do Recife, de variados níveis sócio-

econômicos, na faixa etária dos 5 aos 18 anos. Na "Figura nº 4" (p. 10) - que na realidade é uma Tabela -, há a apresentação da média obtida em todas as idades. Nela se indica que na faixa dos 17-18 anos (quando presumivelmente se estabiliza o crescimento estatural) a média do estudante pernambucano é de 1,65 m para os homens e 1,52 para as mulheres. É tentadora a idéia de uma replicagem atual da pesquisa e a comparação com os dados obtidos 63 anos atrás.

Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. Em colaboração com Anita Paes Barreto. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.3, n.2, p.33-73, fev. 1927.

Trabalho de grande significado psicopedagógico produzido no âmbito do Instituto de Psicologia. Foi realizado tendo como referência trabalho homônimo empreendido pela senhora Piéron, na França, e publicado cinco anos antes no **Année Psychologique**. Os autores locais aplicaram uma bateria de seis testes: 1) Teste das Permutações, de Claparède; 2) Teste de Memória de 15 Palavras, segundo a técnica de Claparède; 3) Teste das Frases Absurdas, com algumas frases de Binet; 4) Teste de Formação de Palavras, com 8 letras dadas; 5) Teste de Analogias, segundo o método de Woodworth e Wells; 6) Teste de Observações de Mudanças Simples, de Ribakoff. A bateria foi aplicada a 130 adolescentes do sexo feminino na faixa etária dos 12 aos 14 anos, matriculadas em três escolas recifenses. Os resultados receberam acurado tratamento estatístico, sendo efetuadas correlações entre os diversos testes utilizados e comparados os resultados com os obtidos, na França, pela senhora Piéron.

A Psicologia em Pernambuco. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Recife, v.3, n.1, p.85-90, mar. 1930.

"O interesse pelos estudos psicológicos nasceu no Recife após a criação da respectiva cadeira na Escola Normal e ao concurso que para seu provimento se procedeu em princípios de 1918." (p.85). E a partir desse referencial histórico que o autor discorre sobre a evolução da Psicologia em Pernambuco na década de 20. Nesse contexto, são realçados: a) a importância da Escola Normal onde são realizadas as primeiras pesquisas psicológicas, "ainda tateantes", sob a inspiração e orientação do próprio Ulisses; b) a instalação e o funcionamento do nacionalmente pioneiro Instituto de Psicologia, órgão formalmente criado pelo Congresso do Estado em 1925; c) o esforço

e a dedicação de um grupo de professores e alunos no estudo e na pesquisa de temas psicológicos, notadamente a atuação de Anita Paes Barreto, sua primeira auxiliar. O artigo corresponde a uma comunicação feita por Ulisses Pernambucano em sessão da Liga Brasileira de Higiene Mental em 14 de março de 1930.

Ensaio de aplicação do teste das 100 questões de Ballard. Em colaboração com Anita Paes Barreto. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Recife, v.3, n.3, p.313-345, set. 1930. Esta pesquisa teve como objetivo experimentar e adaptar a forma original francesa à população local com vistas ao seu emprego para a formação de classes homogêneas em algumas escolas do Estado. Foram submetidas à prova 3.242 alunos (1.414 do sexo masculino e 1.834 do sexo feminino) integrantes de 42 escolas, públicas e particulares, das cidades de Recife e Olinda. O perfil sócio-econômico da população investigada foi bastante heterogêneo. Para a realização da pesquisa, foi mantido intercâmbio com a professora Helena Antipoff da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte que empreendera, um pouco antes, estudo similar. Os resultados foram tratados estatisticamente e correlacionados com os obtidos por Decroly nas escolas belgas. Deste esforço resultou uma segunda forma do teste, adaptada ao meio local, e transcrita por inteiro no "Apêndice n.º 2" (p.338 a 345).

O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. Em colaboração com Anita Paes Barreto. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v. 1, n. 1, p.3-33, out. 1931. Pioneira e expressiva pesquisa realizada em 1930 no âmbito do Instituto de Psicologia, tendo como inspiração trabalho similar empreendido por Daniel Prescott no Instituto J.J. Rousseau, em Genebra, e publicado no ano anterior. Observa-se a atualização do Instituto local em relação ao que se fazia na Europa... A pesquisa tinha como objetivos: a) determinar as palavras correntemente usadas pelas crianças; b) estudar o desenvolvimento lingüístico infantil; c) fornecer subsídios aos autores de livros escolares e testes psicopedagógicos para adequá-los ao universo vocabular infantil; e d) fornecer material para o estudo do desenvolvimento psicológico das crianças. A população da pesquisa compunha-se de cerca de 2.000 alunos de escolas primárias do Recife, de ambos os sexos, na faixa etária de sete a 14 anos. O método empregado foi o da "associação livre", quando as

crianças deveriam escrever todas as palavras que lhes ocorressem no tempo de 15 minutos. Os resultados estão apresentados em seis tabelas. Foram registradas 63.260 palavras e que, eliminadas as repetições, configurou um universo vocabular de 2.909 palavras. Todas elas, computada sua frequência por idade e sexo, estão registradas no final do trabalho. Registre-se a semelhança, *mutatis mutandis*, das pesquisas de universo vocabular para a produção das "palavras geradoras" do método de alfabetização de adultos desenvolvido pelo educador Paulo Freire no início dos anos 60...

O teste A Bola e o Campo em crianças de 12 a 13 anos. Em colaboração com Alda Campos. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.I, n.I, p.34-36, out. 1931. Outra pesquisa realizada no âmbito do Instituto de Psicologia. O teste A Bola e o Campo é uma prova de raciocínio onde deve ser evidenciado um "julgamento prático". Foi elaborado nos Estados Unidos pelo psicólogo Terman. A nível local o teste foi aplicado a 204 crianças com idade de 12 anos, e a 218 com 13 anos. O relato da pesquisa carece de informações mais detalhadas sobre a metodologia utilizada e resultados alcançados. E face ao fraco desempenho das crianças no teste (para que o teste fosse considerado de uma idade deveria ter acerto de 75% das crianças dessa idade) onde o percentual positivo foi de 33,33% (12 anos) e 44,03% (13 anos), em flagrante inferioridade aos índices americanos, os autores interpretam que a "defeituosa educação de nossas crianças, quer no meio familiar, quer no meio escolar, explicam perfeitamente por que elas fracassam quando colocadas diante de um problema prático". Daí a necessidade dos "métodos ativos de educação" pois à escola compete "preparar para a vida" (p.36).

Quocientes de inteligência em escolares do Recife. Em colaboração com Maria Leopoldina de Oliveira. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.I, n.I, p.56-60, out. 1931.

"As experiências procedidas com o Teste Colúmbia, nas escolas primárias e a candidatos a exame de seleção para os cursos normais, deram-nos oportunidade de verificar um grande número de Q.I." (p.56). Foi a partir desses resultados obtidos com 464 alunos de escolas primárias e 486 candidatos a exame de seleção para a Escola Normal que os autores delinearam o perfil dos estudantes submetidos à

prova. Para o primeiro grupo ficou caracterizada uma clara distribuição normal com cerca de 50% da população na média (Q.I. 90 a 110) e os outros 50% distribuídos nos quocientes superiores e inferiores. Já para o segundo grupo, apenas cerca de 25% se situou na média e os restantes 75% se distribuíram pelos outros intervalos da escala, com predominância nos quocientes abaixo da média.

Malarioterapia na paralisia geral. Em colaboração com Gildo Neto e Alcides Benício. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.1, n.1, p.113-115, out. 1931. "O tratamento da paralisia geral era o grande escolho da psiquiatria." (p. 113). Seguindo uma nova trilha aberta por pesquisadores estrangeiros, Ulisses Pernambucano e seus auxiliares resolveram testar a malarioterapia - terapêutica que consiste em inocular no paciente o germe da malária - para combater a paralisia geral. Na pesquisa local, os pacientes foram atendidos em ambulatórios da Assistência a Psicopatas. A experiência se desenvolveu de 1928 a 1930 com um universo de 28 paralíticos gerais. Dados complementares informam o perfil desses pacientes quanto ao sexo (predominância de masculino); idade (predominância da faixa de 36-40 anos); estado civil (predomínio de casados); profissão (predomínio de operários); nacionalidade (predomínio de brasileiros) e raça (predominância branca). O acompanhamento estatístico dos resultados terapêuticos apontou para a "recuperação de 61% dos paralíticos gerais" graças à ação benfazeja da malarioterapia" (p. 115).

Assistência a Psicopatas em Pernambuco: idéias e realizações. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.1, p.3-59, abr. 1932

Texto essencial para se compreender, em toda a sua plenitude, o que foi a implantação e o funcionamento da modelar Assistência a Psicopatas de Pernambuco na década de 30. A elaboração do projeto (idéias) e a sua implantação (realização), comandados por Ulisses Pernambucano, representaram a principal vertente do que se convencionou chamar Escola Psiquiátrica do Recife. O texto de 56 páginas tem características não apenas de um articulado ideário de ações mas, sobretudo, de um minucioso relatório administrativo-financeiro. Assim, por exemplo, ao falar sobre o trabalho agrícola efetuado pelos pacientes (laborterapia) na Colônia de Alienados, chega ao ponto de referir que no 1º trimestre de 1932 foram plantados

4.930 pés de abacaxi, 14.478 de mandioca... O documento aborda os segmentos mais importantes da Assistência a Psicopatas: Hospital da Tamarineira, Colônia Agrícola, Manicômio Judiciário, Serviço de Higiene Mental, Assistência Hetero-familiar, Serviço Aberto, Ambulatório, Biblioteca, Instituto de Psicologia, produção de pesquisa e publicações científicas, etc. Fotos, gráficos e tabelas esclarecem e enriquecem o texto.

As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (I). Em colaboração com Helena Campos. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.l. p. 120-127, abr. 1932. Relevante pesquisa realizada com 3.292 internados no Hospital de Alienados (Tamarineira) no triênio 1928-1930, a qual foi posteriormente continuada e objeto de nova publicação (1935). Objetivos da pesquisa: a) verificar se as doenças mentais entre os negros são tão freqüentes quanto noutras raças; b) quais, e em que proporção, são encontradas as diferentes doenças entre os negros internados. Os dados colhidos e tratados estatisticamente apontaram para um maior internamento proporcional de negros cujas projeções indicaram "que para 100.000 indivíduos, 197 negros são internados por psicopatas contra 107 de todas as outras raças" (p. 123). Interessante é a constatação de algumas perturbações mais freqüentes na raça negra (psicose de involução, idiotia, etc), algumas incidentes mais noutras raças (esquizofrenia, epilepsia, etc.) e outros tipos de perturbações distribuídos em percentuais equivalentes (ciclotimia, psicose maníaco depressiva, etc). Apesar de sua conhecida defesa das minorias, os autores revelam em algumas observações os preconceitos culturais e étnicos então vigentes. Notável, entretanto, é a preocupação em utilizar a estatística como recurso instrumental no planejamento das ações preventivas e corretivas para a prática higiênica, Psicopedagógica e psiquiátrica.

Um caso de palilalia post-encefálica. Em colaboração com José Lucena. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.2, p. 184-189, out. 1932.

Caso apresentado à Sociedade de Medicina de Pernambuco e que mereceu destaque, por ser o primeiro a ser observado e relatado no Estado. Os autores definem a palilalia como "uma perturbação especial da linguagem, consistindo na repetição involuntária, espontânea, múltipla e consciente de vocábulos, frases ou fragmentos de fra-

ses" (p. 184). O paciente foi submetido a acurada anamnese, exames neurológicos e "inspeção geral". Nas conversações repetia sistematicamente todas as respostas (Pergunta: Há quanto tempo está doente? Resposta: Há três anos... há três anos... há três anos...) diminuindo a intensidade da verbalização até tornar-se inaudível. Ordenado a contar de 1 a 20 ou cantar, fê-lo sem repetição. A hipótese diagnóstica se orientou no sentido de tratar-se de "lesões difusas" a nível cerebral. A ampla e articulada fundamentação teórica, tendo por base a literatura estrangeira na área, aponta para a enriquecedora participação de José Lucena - co-autor do relato - médico de notável saber humanístico e psiquiátrico, mais tarde professor catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFPE.

Estudo estatístico da paralisia geral. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.3, n.2, 2. sem. 1933. Esse "estudo" trata, na realidade, de duas pesquisas. Uma, abrangendo 15.928 internos do Hospital de Alienados, referente ao período de 1913 a 1932 e outra, com 115 doentes, compreendendo o biênio 1932-1933. No primeiro levantamento, verificou-se que 1,34% dos internos apresentavam o quadro neurológico da paralisia geral. Já a segunda pesquisa recebeu uma análise mais apurada dos dados, pois, só a partir de 1931, com a criação do serviço de Assistência a Psicopatas e conseqüente aperfeiçoamento humano, técnico e laboratorial, os diagnósticos se tornaram mais fidedignos. Os resultados obtidos sinalizaram algumas características básicas da população portadora de paralisia geral nos aspectos: idade, predominância na faixa dos 36-40 anos; sexo, predomínio do masculino; raça, maior contingente de negros; profissão, maior incidência em "jornaleiros" e trabalhadores no "comércio". Destaca-se a reiterada preocupação do autor em utilizar a estatística para orientar as medidas profiláticas "de ordem médico-social e de profilaxia individual que irão reduzindo pouco a pouco o número de casos de paralisia geral" (p.155).

A reforma da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.3, n.2, p.208-214, 2. sem. 1933.

Conferência pronunciada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 9 de outubro de 1933, numa promoção da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Aqui o autor faz um completo relato de todas as atividades desenvolvidas pela As-

sistência a Psicopatas de Pernambuco, abordando detalhadamente os seguintes tópicos: Diretoria Geral, Serviço Aberto, Serviço para Alienados, Manicômiojudiciário, Serviço de Higiene Mental e Instituto de Psicologia. Esta conferência e o magnífico relatório **Assistência a Psicopatas em Pernambuco: Idéias e Realizações** são, provavelmente, os textos mais indicados para a compreensão sistêmica da grandeza do trabalho realizado na área. O professor Ulisses, numa prova de gratidão aos seus antigos mestres Juliano Moreira, Antônio Austregésilo, Henrique Roxo e Ulisses Viana - todos presentes à conferência, à exceção do primeiro, na época já falecido -, conclui dedicando-lhes o "esforço que hei feito pela Assistência a Psicopatas de Pernambuco" (p.214).

O trabalho dos alienados na Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.4, n.1, p. 19-25, 1. sem. 1934.

Artigo escrito como resposta a algumas críticas do renomado psiquiatra carioca doutor Emani Lopes à "orientação demasiado prática" e à preocupação em baixar o "custo doente-dia" através da obtenção de renda gerada nos trabalhos de praxiterapia realizados na Colônia de Barreiros, integrante da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. A defesa que o professor Ulisses faz do trabalho dos alienados é lapidar. Além das vantagens terapêuticas da laborterapia, o autor faz detalhada análise das condições econômicas adversas de uma região pobre, o que o levou a "conciliar certas iniciativas correntes da psiquiatria moderna com as condições econômicas do meio" (p.23). Apesar da veemente e brilhante defesa de sua prática, o autor mostra-se humilde: "O tempo dirá se estamos em erro. Os que vierem depois de nós nos julgarão; mas, para serem justos, deverão indagar as condições em que o problema nos foi apresentado" (p.23). E o tempo mostrou que ele estava certo: a terapia ocupacional, com ou sem produção econômica, se impôs por seus próprios méritos...

As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (II). In: **Estudos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, v.1, p.93-98.

Trabalho apresentado no 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, realizado em 1934 (vide cap. 8 deste trabalho), por iniciativa de Gilberto Freyre e entusiástico apoio de Ulisses Pernambucano. A orien-

tação metodológica foi a mesma efetuada anteriormente (1932) e compreendeu o biênio 1932-1933, pesquisando um universo de 1.745 internados no Hospital de Alienados (Tamarineira). Os resultados das duas pesquisas foram cotejados entre si e verificou-se grande similaridade. Nesta segunda pesquisa se constatou que: a) os negros são menos atacados pelas psicopatias constitucionais que o resto da população; b) os negros são mais atacados pelas psicopatias por lesões cerebrais; c) as psicopatias por ação de tóxicos químicos e microbianos e auto-intoxicações apresentaram-se significativamente mais altas nos indivíduos negros. E incipiente, infelizmente, a análise desses dados no contexto sócio-econômico-cultural vigente que poderiam possibilitar o avanço interpretativo para além do estritamente factual.

Alguns dados antropológicos da população do Recife. Em colaboração com Arnaldo Di Lascio, Jarbas Pernambucano e Almir Guimarães. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.5, n.1/2, p.40-45, 1935.

Trabalho eminentemente técnico realizado com 1.306 adultos, de ambos os sexos e de variadas procedências. "Como material de antropologia, foram usadas as escalas de Von Luschan (para cor da pele), a de Fischer (para cor dos cabelos), a de Martin (para a cor dos olhos) e o necessário para o estabelecimento dos índices nasal e cefálico." (p.41). Os resultados obtidos são apresentados através de vários gráficos nos quais são feitos variados cruzamentos de informações (exemplo: leptorrinos x cor da pele; mesorrinos x índice cefálico, etc.). Percebe-se uma acentuada preocupação com a apresentação técnica dos dados, mas o trabalho carece de um referencial interpretativo mais amplo, sobretudo para o público leigo. Gilberto Freyre, em **Casa Grande e Senzala**, o situa no contexto de outros trabalhos congêneres (Freyre, 1970, v.2, p.425).

Organização de um curso de extensão universitária sobre higiene mental na Faculdade de Medicina do Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.5, n.1/2, p. 78-81, 1935.

Trata-se da programação de um Curso de Extensão Universitária sobre Higiene Mental a realizar-se nos meses de outubro/novembro de 1935 na Faculdade de Medicina do Recife. Na época, o autor era catedrático de Semiologia Neuropsiquiatria da referida Faculdade.

Sua preocupação era o de ministrar um curso não só teórico mas, também, com forte conotação prática onde se levasse em consideração "a realidade de nossos problemas locais" (p.79). Para tanto, a metodologia proposta foi a elaboração de monografias para as quais o professor-orientador deveria dar "audiência aos estudantes, orientando-os no sentido em que o curso foi planejado, resolvendo-lhe as dificuldades, fornecendo-lhes bibliografia e sugerindo, enfim, pesquisas a realizar para esclarecimento de pontos obscuros e controvertidos" (p. 79). Em anexo, o autor explicita o plano das monografias. A se registrar, a metodologia proposta numa época em que as aulas "paulistas" dominavam...

Discurso de posse no cargo de professor catedrático de Clínica Neurológica. **Neurobiologia**, Recife, v.37, n.1, p.22-23, jan./mar. 1974.

Discurso pronunciado em 23 de abril de 1938 na sessão solene da Congregação dos Professores da Faculdade de Medicina do Recife, ao ser empossado no cargo de professor catedrático daquela Faculdade. O discurso evidencia duas características intrínsecas à personalidade de Ulisses: a fidelidade aos amigos e o seu idealismo. Fidelidade expressa na gratidão aos seus antigos mestres, nominalmente referidos, e aos seus colaboradores, chamados de "filhos". O seu idealismo pode ser detectado em vários trechos do discurso mas está compromissadamente expresso em suas palavras finais: "Eu vos asseguro, senhor diretor e senhores professores, que cumprirei com o ardor e o entusiasmo da mocidade as funções de professor de Clínica Neurológica desta faculdade" (p.23).

Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. **Neurobiologia**, Recife, v.1, n.1, p.1-13, jun. 1938. Este trabalho decorre de uma conferência pronunciada em 13 de maio de 1938, na Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba. Já afastado de qualquer serviço público por conta de perseguições políticas que lhe foram movidas (vide cap. 8 deste trabalho), o autor traça um perfil crítico do que deveria ser uma modelar assistência aos doentes mentais. Para tanto, deveria contar com algumas práticas lineares no sistema: a) ambulatório para psicopatas; b) hospital aberto; c) assistência extramanicomial; d) colônia para crônicos; e) sistema de autodireção; f) sistema de Simon; g) assistência hetero-familiar; e h) assistência social pós-nosocomial. Sua preocupação detalhistaper-

passa até mesmo aspectos arquitetônicos dos hospitais e requisitos ao cargo de diretor. Mais que uma proposta, é uma reflexão amadurecida de quem implementou esse trabalho com originalidade, dedicação e competência.

Prof. E. Vampré. **Neurobiologia**, Recife, v.1, n.1, p. 139-143, jun. 1938.

O trabalho é um necrológio do professor Enjolras Vampré, nascido em 1885 e falecido em 1938. O professor Vampré era catedrático de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina de São Paulo. Ulisses Pernambucano, falando da vivência do professor Vampré — vivência que também era a sua — descreve que, lutando "contra tudo e contra todos, desde a incompreensão do meio até às deficiências de preparação para uma nova atividade, é de admirar como Vampré soube não só deixar uma obra científica das mais valiosas, como formar discípulos e continuadores que honram o mestre, a Faculdade de Medicina de São Paulo e a neurologia brasileira" (p. 139). Valioso é o levantamento bibliográfico da vasta produção científica do professor paulista: 126 títulos.

Prof. Gouveia de Barros. **Neurobiologia**, Recife, v.1, n.1, p. 144-145, jun. 1938.

Outro necrológio efetuado pelo professor Ulisses. Aqui ele traça um resumido perfil do doutor Gouveia de Barros, nascido em 1882 e falecido em 1938. Colega docente do autor na Faculdade de Medicina do Recife, foi o primeiro ocupante da cátedra de Neurologia da referida Faculdade. O autor destaca os méritos de sanitarista, de político e de professor que se integravam harmoniosamente na pessoa do doutor Gouveia de Barros.

Seis casos de miotonia congênita. **Neurobiologia**, Recife, v.2, n.2, p.137-154, jun. 1939.

O autor descreve seis casos clássicos de miotonia congênita, pertencentes a duas famílias diferentes e analisa as relações dessa doença com as miopatias e distrofias. Expõe os laços de parentescos entre elas e estuda as teorias que se propõe explicá-las (miogênica, neurogênica e pluriglandular). A cuidadosa fundamentação teórica tem como suporte 35 referências bibliográficas, com forte predominância da editoração francesa na área. O detalhado exame dos pacientes contou com a colaboração dos doutores Arnaldo Di Lascio e de J. J. de Barros Pernambucano.

Um caso de atrofia muscular pseudo-hipertrófica. Em colaboração com Jarbas Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.2, n.4, p.316-319, dez. 1939.

E o relato do caso "H.N.P. de 8 anos e 11 meses, branco, pernambucano" o qual após a anamnese, exames neurológicos, elétricos e do líquido céfalo-raquidiano, os autores concluíram ser "indubitavelmente um caso de miopatia, tipo pseudo-hipertrófica" (p.318). O tratamento prescrito consistiu na "ionização pela glicocola o qual está sendo aplicado pelo doutor Pedro Cavalcanti" (p.319). Não há referência sobre os resultados iniciais alcançados. O texto está ilustrado por três fotos do pequeno paciente, em diferentes posições.

A neuromielite epidêmica (Doença de Austregésilo) em Pernambuco. Em colaboração com Arnaldo Di Lascio e Alcides Benício.

**Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p.315-357, dez. 1940. Alentado trabalho de 42 páginas onde são enfocados sete casos de portadores de neuromielite epidêmica. As observações foram efetuadas, sobretudo, em pacientes do Sanatório Recife. Todos os casos relatados estão inseridos numa cuidadosa fundamentação teórica, documentada por uma vasta bibliografia da área. Como em trabalhos anteriores, a bibliografia é preponderantemente européia, com ênfase em estudos publicados na França; inclusive os trabalhos do grande médico brasileiro professor Austregésilo, que em colaboração com o doutor Borges Fortes, fez pioneiramente a descrição de uma neuromielite epidêmica por ele observada no Brasil.

Síndrome de atrofia paleocerebelar. Em colaboração com Antônio Couceiro. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p.373-383, dez. 1940.

É o relato de caso de uma "senhorinha contando 27 anos de idade" que apresentava uma múltipla sintomatologia clínica. Os autores relatam seus antecedentes familiares, curso da doença, exame somático, exame neurológico, exames oftalmológicos e neuro-otológico e resultados de floculação. Após inserir esses dados no contexto de variadas proposições teóricas, o professor Ulisses e seu assistente na Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Recife concluem que são "levados a pensar em uma atrofia primitiva da porção paleocerebelar (...) e não sentir nenhum vexame em denominar o caso por nós observado como Síndrome da Atrofia Paleocerebelar" (p.382).

Introdução ao número especial de Neurobiologia dedicado ao congresso de Aracaju. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, dez. 1940. De 20 a 25 de outubro de 1940 foi realizado em Aracaju, SE, o 2º Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. E para registrar e comemorar o evento, a revista **Neurobiologia** dedicou-lhe o seu último número de 1940. Coube ao professor Ulisses apresentar a "Reunião de Aracaju". O texto descreve, em linhas gerais, o evento; registra a evolução dos trabalhos já realizados em prol dos doentes mentais - "os psicopatas de Sergipe passaram da situação abjeta de animais para a dignidade cristã de doentes" (parte 2) —; faz os agradecimentos de praxe, mas é, sobretudo, um hino de louvor a "esses profissionais nordestinos que se condenaram a viver ignorados no seu canto de Província mas que, na realidade, representam um grande papel na civilização" (parte 3).

Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internados em casa de saúde particular. Em colaboração com Arnaldo Di Lascio. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p.497-504, dez. 1940.

O estudo foi efetuado com os 400 "casos psiquiátricos de primeira entrada" do Sanatório Recife, hospital particular fundado por Ulisses na Rua do Padre Inglês e, atualmente, ainda em funcionamento. Para efeito de estudo, foi adotada a classificação nosológica da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. As psicopatias foram divididas em três grupos: constitucionais, orgânicas e tóxicas. Cada um desses grupos foi subdividido em diferentes tipos de perturbação específica. Os dados obtidos apontaram para um alto índice das psicopatias constitucionais (67,7% do total) e, nestas, as maiores concentrações são para a esquizofrenia (24% no total e 35% no grupo) e psicose maníaco-depressiva (18% no total das admissões e 26,6% no grupo). Os autores correlacionaram os dados com os encontrados em pesquisa similar realizada no hospital público da Tamarineira. Digna de registro é a referência bibliográfica composta de 13 títulos, todos editados no Estado de Pernambuco.

Neuropsiquiatria forense (I). **Neurobiologia**, Recife, v.4, n.2, p. 162-175, jun. 1941. "Na qualidade de assistente técnico da Companhia na ação

ordinária que contra ela move, vem o abaixo-assinado expor, com fundamento no Art. 132 do Código Civil e Comercial, as razões de impugnação ao 'laudo' apresentado pelo perito." (p. 162). E o que se vê a seguir é uma excepcional demonstração técnica, científica e jurídica contra um "laudo neuropsíquico" que um perito fizera favor a um acidentado de trânsito, para receber a indenização da companhia de seguros. Demonstrando grande conhecimento sobretudo no campo da Medicina Legal, o autor destrói toda a argumentação do perito em todos os quesitos. E conclui: "Tudo arbitrário nesta perícia. No fundo e na forma". E atribui "tão só à inexperiência do perito em assuntos médico-legais e especialmente de psiquiatria forense os defeitos insanáveis do laudo analisado" (p. 175).

Neuropsiquiatria forense **(II). Neurobiologia**, Recife, v.4, n.3, p.242-249, set. 1941.

Trata-se de mais um laudo na área da Neuropsiquiatria forense. Desta vez em atendimento a uma solicitação do juiz de direito da 11ª Vara Civil da Comarca do Recife. O autor efetua diversas entrevistas e exames com o paciente; analisa toda a documentação médica anexada ao processo; investiga a sua história pregressa. Do conjunto das informações obtidas, conclui que "F é um ciclotímico, sujeito a crises muito leves de depressão e, talvez, de excitação", mas que "atualmente está o paciente em perfeita integridade psíquica" (p.249). Em seguida encaminha o seu laudo ao juiz solicitante.

Discurso no centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional. **Neurobiologia**, Recife, v.4, n.3, p.265-269, set. 1941. Discurso proferido em 18 de julho de 1941, no Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações do centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional, representando a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. O texto é, em grande parte, um relembrar nostálgico de seus verdes anos como estudante de Medicina, no Rio, freqüentando a centenária instituição no meio de mestres dos mais expressivos da Psiquiatria brasileira. Esse apego nostálgico se estende às próprias instalações físicas. "Preservar e reverenciar os grandes médicos que aqui trabalharam não basta para guardar e honrar tão digna tradição (...) preservem esta casa da destruição, guardando-a como expressão da benemerência pública e do esforço de muitas gerações, na sua fisionomia original e dedicada sempre à assistência aos doentes mentais!" (p.268-269).

Discurso em homenagem ao dr. Adauto Botelho. **Neurobiologia**, Recife, v.5, n.2, p.97-100, jun. 1942.

O doutor Adauto Botelho, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, em viagem a Pernambuco para visitar as instituições de assistência aos doentes mentais, foi homenageado em 19 de junho de 1942, no Clube Internacional do Recife. Estiveram presentes representantes do Sanatório Recife, Assistência a Psicopatas, Sociedade de Medicina de Pernambuco e Higiene Mental do Nordeste. Para saudá-lo foi designado o professor Ulisses Pernambucano. O orador faz um retrospecto da atuação do homenageado, destacando a sua incessante luta em prol dos doentes mentais e da higiene mental no Brasil.

A ação social do psiquiatra. **Neurobiologia**, Recife, v.6, n.4, p. 153-160, dez. 1943.

É um texto antológico do professor Ulisses. Corresponde a uma conferência pronunciada na abertura do 3º Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, realizada em Natal, RN, de 12 a 16 de outubro de 1943. Menos de dois meses depois o autor falecia, repentinamente, no Rio de Janeiro. Com a experiência de seus 51 anos de uma vida de continuada luta, faz uma pungente advertência à responsabilidade social do psiquiatra. Pequeno trecho: "O psiquiatra é o protetor do doente mental (...) Aquele que entre o doente que sofre e o governo que paga e distribui benefícios, prefere este — não é um psiquiatra (...) O que explora os doentes e suas famílias exigindo retribuições por serviços que deviam ser gratuitos - não é um psiquiatra. O que não afronta os poderosos para defender o doente mental quando privado de qualquer de seus sagrados direitos à assistência e proteção por comodismo, interesse pessoal ou receio de represálias — não é um psiquiatra. Réus desses crimes deviam sofrer um castigo além do desprezo que os cerca" (p. 160).

Discurso no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das Forças Armadas americanas. **Neurobiologia**, Recife, v.7, n.1/2, mar./jun. 1944.

Último pronunciamento público - publicação *post-mortem* - efetuado por Ulisses Pernambucano. O evento foi um banquete de congratamento entre médicos brasileiros e médicos americanos integrantes das Forças Armadas americanas sediadas no Recife, em no-

vembro de 1943. O discurso é um canto à democracia na luta contra o "gênio do mal", alusão a Hitler e ao nazi-fascismo que, na Europa, lutavam contra os aliados (observar que se estava em plena Segunda Guerra Mundial). Elaborado numa linguagem grandiloqüente e um tanto cifrada, esse discurso não tem o brilho e o toque bem pessoal de outras páginas do autor.

## Considerações Finais

"A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda a grandiloqua escritura!"

(Camões, em *Os Lusíadas*, Canto Quinto, v. 89, 1983, P-213)

A elaboração da presente monografia<sup>1</sup> teve como objetivo resgatar, documentar e divulgar a vida e a obra do professor Ulisses Pernambucano de Mello. Tarefa árdua, mas gratificante. Sobretudo gratificante. Com efeito, à medida que se vai penetrando na sua "intimidade", avulta uma personalidade invulgarmente privilegiada.

Ulisses reunia, de forma harmônica e integrada, pólos aparentemente díspares. Refinado homem de ciência, tinha um senso prático excepcional. Idealista convicto, era um homem de ação cuja capacidade de organização e administração era por todos reconhecida. Entre o "feijão e o sonho", de que fala Orígenes Lessa, era um e era o outro. Ora mais um, ora mais o outro. Mas sempre os dois.

A sua carreira docente foi brilhante. Brilhante nos processos seletivos a que se submeteu. Brilhante no ensinar e formar discípulos, no cativar alunos, no descobrir talentos, no investir em pesquisas, no respeitar a Ciência, no produzir conhecimentos. Iniciando no ensino secundário, foi galgando todas as progressões docentes, culminando em tomar-se catedrático da veneranda Faculdade de Medicina do Recife. Como professor, foi mestre; como mestre, fez escola.

O professor Ulisses era um homem público por excelência. "Um quase político", no dizer de Gilberto Freyre. Tinha um agudo senso de bem comum, de coletividade. Principalmente no apoio aos segmentos mais marginalizados: crianças excepcionais, doentes

Agradecimentos do autor a Altair Lustosa, Anita Paes Barreto, Grassini Siqueira, Ignez Tavares de Melo, Ir. Glicéria Diniz, Frederico Pernambucano de Mello, Myriam Didier e Paulo Rosas.

mentais, adeptos de seitas africanas, negros, alunos carentes.

Homem público dotado de admirável senso administrativo. Sua atuação na direção da Escola Normal, no Ginásio Pernambucano, na Assistência a Psicopatas, na Liga de Higiene Mental, na Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, entre outras, foi marcada por uma fecunda ação renovadora. Em algumas, uma quase revolução.

Pioneirismo. E outra marca de sua vida e de sua obra. Pioneirismo que se revela na criação, ainda na década de 20, da Escola de Excepcionais e do Instituto de Psicologia. Na instalação do Serviço de Higiene Mental. Na criação da residência médica. Na fundação de revistas especializadas, uma das quais - **Neurobiologia** - continua sendo editada após 52 anos. No tratamento humanizado dispensado aos doentes mentais. Na originalidade das pesquisas realizadas, tanto nos temas quanto na metodologia.

Sensível às dores do seu tempo, soube agir e lutar por um mundo melhor. Antevendo problemas. Prevenindo-os. Regionalista que beirava o bairrismo, soube ser universal.

Ulisses Pernambucano de Mello foi um mestre. Um mestre adiante de seu tempo.

## Bibliografia

- AJURIAGUERRA, J. et al. Les apraxies: variétés cliniques et lateralisation et lésionnelle. **Revue Neurologique**, Paris, 1960.
- ALMEIDA, Romeu de Moraes. Lat oralidade, **maturidade para a leitura e escrita e rendimento escolar de canhotos e destros**. São Paulo, 1965. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1965.
- ALTINO, Edgar. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam" do prof. Ulisses Pernambucano, representando a Sociedade de Medicina de Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.236-240, dez. 1945.
- Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.449-452, dez. 1953.
- ANJOS, Augusto dos. Versos íntimos. In: REIS, Zenir Campos (Org.). **Augusto dos Anjos**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- AURELIANO, Rodolfo. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam" do prof. Ulisses Pernambucano, representando a Liga de Higiene Mental de Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.249-250, dez. 1945.
- AUSTREGESILLO, Antônio. Ulisses Pernambucano: amicus ex-animo. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.31-32.
- ANTIPOFF, Daniel. **Helena An**, off: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- ATA da 14ª Sessão Ordinária da Sociedade de Medicina de Pernambuco realizada em 16 de setembro de 1920.
- BARRETO, Anita Paes. Contribuição ao estudo psicotécnico da inteligência superior. In: ESTUDOS pernambucanos dedica-

- dos a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p. 103-109.
- \_\_\_\_\_. Idealismo de um educador. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia de Medicina, 1978. p.69-85.
- BARRETO, Anita Paes, CAMPOS, Alda. Um decênio de atividade no Instituto de Psicologia. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, 1935. p. 136-144.
- BATRO, Antônio. Hemispheric lateralization in the development of spatial and logical reasoning in left and right-handed children. **Archives de Psychologie**, Genève, v.49, n. 139, p.83-90, juin 1981.
- BATTRO, Antônio et al. O papel dos hemisférios cerebrais na aquisição da conservação do comprimento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.32, n.3, p.3-10, jul./set 1980.
- BELO, Júlio. Ulisses Pernambucano. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.37-39.
- BELO, Rui de Aires. **Subsídios para a história da educação em Pernambuco**. Recife: Secretaria da Educação e Cultura, 1978.
- BOLETIM DE HIGIENE MENTAL. Recife: Diretoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, v.1, n. 1, dez. 1933.
- BOLETIM DE HIGIENE MENTAL. Recife: Diretoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, v.2, n.7, jul. 1934.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CABRAL, Batista, Padre. Ulisses Pernambucano, o amigo. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.47-48.
- CAMÕES, Luís de. Os lusíadas. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- CAMPELLO, Samuel. **O meu testemunho sobre Ulisses Pernambucano**. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.43-45.
- CAMPOS, Alda. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam" do professor Ulisses Pernambucano, representando o Instituto de Psicologia. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.282-286, dez. 1945.
- CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. In: PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.

- CARVALHO, Costa. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam" do professor Ulisses Pernambucano, representando a Faculdade de Medicina de Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.241-242, dez. 1945.
- CARRILHO, Heitor. Ulisses Pernambucano e a organização dos serviços de assistência a psicopatas de Pernambuco. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.9-15.
- CAVALCANTI, Pedro. Ulisses Pernambucano e as seitas africanas. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p. 51-52.
- CAVALCANTI, Zaida Maria Costa. **DEC**: a biografia de uma instituição cinquentenária. Recife: Secretaria de Educação do Estado, 1986.
- CERQUEIRA, Luiz. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.298-300, dez. 1945.
- Ulisses Pernambucano, meu mestre. In: CICLO de estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p.41-67.
- COELHO FILHO, Heronides. Origem e desenvolvimento da Assistência aos Psicopatas de Pernambuco. Capítulo V: Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.419-435, dez. 1953.
- COSTA, Veloso. Escolas para crianças anormais. **Jornal do Comércio**, Recife, 19 fev. 1976.
- COSTA CARVALHO, Gilberto da. Liga de Higiene Mental de Pernambuco. **Jornal do Comércio**, Recife, 26 ago. 1976.
- \_\_\_\_\_. Um mestre que cumpriu sua missão. **Jornal do Comércio**, Recife, 14 abr. 1976.
- O pioneiro da educação especial. **Jornal do Comércio**, Recife, 24 mar. 1976.
- COUTINHO, Cirene. O problema dos deficientes em Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.1/2, p.6-11, 1935.
- COUTINHO, Rui. Ulisses Pernambucano, mestre e orientador de pesquisas. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.41-42.
- DI LASCIO, Arnaldo. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam" do professor Ulisses Pernambucano, representando a Es-

- cola Neuropsiquiátrica do Recife. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.251-256, dez. 1945.
- DI LASCIO, Cecília. Criança excepcional, um problema de comunidade. **Jornal Universitário da UFPE**, Recife, set. 1972.
- DIDIER, Myriam de Carvalho. **A respeito de Ulisses Pernambucano**. Recife, 1976. Palestra proferida na Escola Ulisses Pernambucano.
- ESCOLA NORMAL DO RECIFE. **Regulamento da Escola Normal do Recife**. Recife: Tipografia do Jornal do Recife, 1864.
- ESTATUTOS da Escola Especial Ulisses Pernambucano. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 21 abr. 1951.
- ESTATUTOS da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro. **Neurobiologia**, Recife, v.1, n.2, p.255-256, set. 1938.
- ESTATUTOS da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil. **Neurobiologia**, Recife, v.7, n.1/2, p.93-96, jan./jun. 1944.
- FERNANDES, Aníbal. Uma experiência no domínio da instrução primária em Pernambuco: In: **EDUCAÇÃO e região: problemas de política e administração escolares no Nordeste brasileiro**. Recife: INEP, Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1960. p.23-43.
- \_\_\_\_\_. Ulisses Pernambucano, o reformador. In: **ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano**. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.27-29.
- FIGUEIRA, Antônio. Ulisses Pernambucano. **Jornal do Comércio**, Recife, 29 abr. 1976.
- FREITAS, Octávio de. Ulisses Pernambucano. In: **ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano**. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.40.
- FREITAS JÚNIOR, Octávio de. Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.439-441, dez. 1953.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 14. ed. Recife: Ed. Pernambuco, 1970.
- \_\_\_\_\_. Os médicos e as reformas sociais em Pernambuco. In: **ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano**. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.55-57.
- \_\_\_\_\_. **Quase política**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.3-23: Um quase político.

- FREYRE, Gilberto. O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife. In: NOVOS estudos afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p.348-353.
- Sobre Ulisses Pernambucano. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p. 129-144.
- \_\_\_\_\_. Ulisses. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.292-294, dez. 1945.
- HUTZLER, Celina Ribeiro. Ulisses Pernambucano: psiquiatra social. **Ciência e Trópico**, Recife, v.15, n.1, p.23-40, jan./jun. 1987.
- LIMA, Jamesson Ferreira. Psiquiatria humanista. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p. 25-39.
- LOURENÇO FILHO, M.B. Psicologia educacional. In: KLINBERG, O. et al. **Psicologia moderna**. Rio de Janeiro: Agir, 1953.
- LUCENA, José. Características da Escola Psiquiátrica orientada pelo prof. Ulisses Pernambucano. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.21-25.
- \_\_\_\_\_. Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.447-449, dez. 1953.
- \_\_\_\_\_. Neucrológio ao prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.225-235, dez. 1945.
- \_\_\_\_\_. Ulisses Pernambucano e sua Escola de Psiquiatria Social. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p. 145-175.
- MARQUES DE SÁ João. A cadeira nº 5 da Academia Pernambucana de Medicina. Patrono: Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.37, n.1, p.3-36, jan./mar. 1974.
- Abertura do Ciclo de Estudos Ulisses Pernambucano. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p. 13-24.
- \_\_\_\_\_. Dados biográficos de Ulisses Pernambucano. **Anais da Academia Pernambucana de Medicina**, Recife, v.2, n.2, p.13-14, dez. 1976.
- MEDEIROS, Adailson. Testes psicológicos: rastreamento histórico

- da contribuição pernambucana. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.42, n.1, p.127-141, fev. 1990.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Educação no Brasil**: esboço de estudo histórico. Recife: Editora da UFPE, 1975.
- MIRANDA, Valdemir. Discurso pronunciado em sessão "in memoriam!" do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.257-259, dez. 1945.
- \_\_\_\_\_. Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.446-447, dez. 1953.
- MOACIR, Primitivo. **A instrução e a Província**. São Paulo: Ed. Nacional, 1939. v.2.
- MONTENEGRO, Olívio. A ação de um psiquiatra. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.17-19.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/MEC, 1974.
- NOTICIÁRIO e relatório da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.3, n.1, p.94-99, abr. 1933.
- NOTICIÁRIO e relatório da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.4, n.2, 2. sem. 1934.
- OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.
- OLIVEIRA, Valdemar de. **No tempo de Amaury**. Recife: Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, 1975.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
- PEREIRA DA COSTA, Ana Luiza. Dois anos de atividade da Escola para Crianças Excepcionais da Liga de Higiene Mental de Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v. 19, n. 1/2, p.212-218, mar./jun. 1956.
- PERNAMBUCANO, Jarbas. Discurso pronunciado "in memoriam" do seu pai, prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.260-261, dez. 1945.
- PERNAMBUCANO, Ulisses. A ação social do psiquiatra. **Neurobiologia**, Recife, v.6, n.4, p. 153-160, dez. 1943.

- PERNAMBUCANO, Ulisses. Assistência a Psicopatas em Pernambuco: idéias e realizações. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.1, p.3-59, abr. 1932.
- \_\_\_\_\_ **Bases fisiopsicológicas da ambidestria**. Recife: Ed. do Autor, 1924.
- .. **Classificação das crianças anormais**: a parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade e a astenia mental. Recife: Imprensa Industrial, 1918.
- \_\_\_\_\_ ., Discurso as professorandas do Colégio Santa Margarida. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v. 17, n.2, p. 1-7, nov. 1922.
- \_\_\_\_\_ Discurso de posse no cargo de professor catedrático de Clínica Neurológica (23/04/38). **Neurobiologia**, Recife, v.37, n.1, p.22-23, jan/mar. 1974.
- \_\_\_\_\_ Discurso em homenagem ao dr. Adauto Botelho. **Neurobiologia**, Recife, v.5, n.2, p.97-100, jun. 1942.
- \_\_\_\_\_ Discurso no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das Forças Armadas americanas. **Neurobiologia**, Recife, v.7, n.1/2, mar./jun. 1944.
- \_\_\_\_\_ Discurso no centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional. **Neurobiologia**, Recife, v.4, n.3, p.265-269, set. 1941.
- \_\_\_\_\_ As doenças mentais entre os negros de Pernambuco (II). In: ESTUDOS afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Ariel, 1935. v.1 p.93-98.
- \_\_\_\_\_ Estudo estatístico da paralisia geral. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.3, n.2, 2. sem. 1933.
- \_\_\_\_\_ Formação de hábitos sadios nas crianças. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.22, n. 12, p. 167-171, dez. 1926.
- \_\_\_\_\_ Introdução. **Neurobiologia** Recife, v.3, n.4, dez. 1940. Número especial dedicado ao Congresso de Aracaju.
- **As médias de estatura dos escolares em Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1927.
- Neuropsiquiatria forense (I). **Neurobiologia**, Recife, v.4, n.2, p. 162-175, jun. 1941.
- \_\_\_\_\_ Neuropsiquiatria forense (II). **Neurobiologia** Recife, v.4, n.3, p.242-249, set. 1941.
- \_\_\_\_\_ Organização de um Curso de Extensão Universitária sobre Higiene Mental na Faculdade de Medicina do Recife. **Ar-**

- quivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.5, n. 1/2, p.78-81, 1935.
- PERNAMBUCANO, Ulisses. Prof. E. Vampré. **Neurobiologia**, Recife, v.1,n.1, p. 139-143, jun. 1938.
- \_\_\_\_\_. Prof. Gouveia de Barros. **Neurobiologia**, Recife, v.1, 0.1, p, 144-145, jun. 1938.
- \_\_\_\_\_. A Psicologia em Pernambuco. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, v.3, n.1, p.85-90, mar. 1930.
- A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (I). **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v. 17, n.1,p.16-18,jan. 1921.
- A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do pensamento (II). **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.17, n.2, p.36-38, fev. 1921.
- A Psicologia objetiva e o mecanismo cerebral do Pensamento (III). **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.17,n.3, p.111-115, mar. 1921.
- \_\_\_\_\_. Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. **Neurobiologia**, Recife, v.1, n.1, p. 1-13, jun. 1938.
- \_\_\_\_\_. A reforma da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.3, n.2, p.208-214, 2.sem. 1933.
- . Seis casos de miotonia congênita. **Neurobiologia**, Recife, v.2, n.2, p. 137-154, jun. 1939.
- \_\_\_\_\_. **Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis**. Rio de Janeiro: Tipografia da Papelaria Modelo, 1912.
- \_\_\_\_\_. O trabalho dos alienados na Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.4, n.1, p. 19-25, 1.sem. 1934.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, BARRETO, Anita Paes. Ensaio de aplicação do teste das 100 Questões de Ballard. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, v.3, p.313-345, 1930.
- \_\_\_\_\_. Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão. **Jornal de Medicina de Pernambuco**, Recife, v.23, n.2, p.33-73, fev. 1927.
- O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.1, n.1, p.3-33, out. 1931.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, CAMPOS, Alda. O teste "A Bola e o Campo" em crianças de 12 e 13 anos. **Arquivos da Assistên-**

- cia a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v. 1, n.1, p.34-36, out. 1931.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, CAMPOS, Helena As doenças mentais entre os negros de Pernambuco **(I). Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n. 1, p. 120-127, abr. 1932.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, COUCEIRO, Antônio. Síndrome de atrofia paleocerebelar. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p.373-382, dez. 1940.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, DI LASCIO, Arnaldo. Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em quatrocentos primeiros internos em casa de saúde particular. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p 49 7-504, dez. 1940.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, DI LASCIO, Arnaldo, BENÍCIO, Alcides. A neuromielite epidêmica (Doença de Austregésilo) em Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, v.3, n.4, p.315-357, dez. 1940.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, DI LASCIO, Arnaldo, PERNAMBUCANO Jarbas, GUIMARÃES, Almir. Alguns dados antropológicos da população do Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.5, n. 1/2, p. 40-45, 1935.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, LUCENA, José. Um caso de palilalia pós-encefálica. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.2, n.2, p. 184-189, out. 1932.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, NETO. Gildo, BENÍCIO, Alcides. Malarioterapia na paralisia geral. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v. 1, n. 1, p. 113-115, out. 1931.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, OLIVEIRA, Maria Leopoldina de. Quocientes de inteligência em escolares do Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.1, n.1, p.56-60, out 1931.
- PERNAMBUCANO, Ulisses, PERNAMBUCANO, Jarbas. Um caso de atrofia muscular pseudo-hipertrófica. **Neurobiologia**, Recife, v.2, n.4, p.316-319, dez. 1939.
- PERNAMBUCO. Ato nº 26, de 10 de janeiro de 1931. Cria o Serviço de Assistência a Psicopatas. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 11 jan. 1931.
- \_\_\_\_\_ Ato nº 583, de 24 de abril de 1931. Regulamenta o Ser-

- viço de Assistência a Psicopatas. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 25 abr. 1931.
- PERNAMBUCO. Ato nº 137, de 27 de janeiro de 1941. Cria a Escola Aires Gama para anormais educáveis. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 28 jan. 1941.
- Ato nº 138, de 27 de janeiro de 1941. Nomeia a 1º Diretora da Aires Gama. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 28 jan. 1941.
- \_\_\_\_\_. Ato nº 125, de 23 de janeiro de 1947. Altera o nome da Escola Aires Gama para Ulisses Pernambucano. **Diário Oficial do Estado**, Recife, 23 jan. 1947.
- PESSOTTI, Isaias. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.
- PFROMM NETTO, Samuel. A Psicologia no Brasil. In: FERRI, MG., MOTOYAMA, S. (Orgs). **História das Ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1981.
- PINTO, Estevão. UP e a Escola Normal de Pernambuco. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.49-50.
- RABELO, Sílvio. O estudo da criança pernambucana. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937a. p.33-36.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia da infância**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937b.
- \_\_\_\_\_. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.295-297, dez. 1945.
- REGO, José Lins do. O mestre Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.289-291, dez. 1945.
- \_\_\_\_\_. Ulisses Pernambucano, homem de espírito público. In: ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Gráfica Jornal do Comércio, 1937. p.7-8.
- RIBEIRO, René. O Congresso de Natal. **Neurobiologia**, Recife, v.6, n.4, dez. 1943.
- \_\_\_\_\_. Discurso pronunciado "in memoriam" do prof. Ulisses Pernambucano, representando a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil. **Neurobiologia**, Recife, v.8, n.4, p.243-248, dez. 1945.
- \_\_\_\_\_. Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.437-438, dez. 1953.

- RIBEIRO, René, LINS, Eulina. Quatro anos de atividade do Serviço de Higiene Mental. **Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco**, Recife, v.5, n.1/2, p. 71-77, 1935.
- ROCHA, Leduar de Assis. Ulisses Pernambucano, retrato um tanto de família. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p.87-102.
- ROSAS, Paulo. Contribuição de Ulisses Pernambucano e seus colaboradores para a Psicologia Aplicada no Brasil. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.11, n.3, p. 17-33, 1985.
- A Psicologia na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.65, n.150, p.314-336, maio/ago. 1984
- \_\_\_\_\_. **A Psicologia no Recife**. Brasília, 1979. Conferência proferida no Conselho Federal de Psicologia.
- \_\_\_\_\_. La Psychologie du travail au Brésil: quelques reflexions axiologiques. In: CONGRÈS DE PSYCHOLOGIE DU TRAVAIL DE LANGUE FRANÇAISE, 2, 1982. Paris. **Actes...** Paris: APTLF, 1982.
- SCHEEFFER, Ruth. **Testes e medidas na Educação**. Rio de Janeiro: FGV, 1976. p.23-38: Evolução dos testes na Psicologia e na Educação.
- SEMINERIO, Franco Lo Presti. A Psicologia no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v.25, n. 1, p.146-161, 1973.
- SETTE, Mário. **História pitoresca do Recife antigo**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- SOBRAL, Eliane. AP AE: eficiente para os deficientes. **Jornal do Comércio**, Recife. 11 fev. 1990.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- VALENTE, Waldemar. Discurso pronunciado no transcurso do 10º aniversário da morte do prof. Ulisses Pernambucano. **Neurobiologia**, Recife, v.16, n.4, p.441-446, dez. 1953.
- Educador e reformador do ensino primário em Pernambuco. CICLO de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978, p.1 15-128.
- \_\_\_\_\_. Mestre de Fisiologia Nervosa e fundador da Escola de Psiquiatria do Recife. In: CICLO de Estudos sobre Ulisses Per-

nambucano. Recife: Academia Pernambuco Medicina, 1978. p. 103-113.

. **Ulisses Pernambucano**: renovador do ensino em Pernambuco. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1959.

VELOSO, Elisa Dias. Helena Antipoff, psicóloga. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada** Rio de Janeiro, v.28, n.1, p. 101-107, jan./mar. 1976.

ZAZZO, René. **Les jumeaux, de couple et la personne**. Paris: Presses Universitaires de France, 1960. t.l.

. **Manual para o exame psicológico da criança**. Tradução por Luiz Darós. São Paulo: Mestre Jou, 1968.